

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO**

LUCIANA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

SEGUIMENTO DE JESUS

SÃO PAULO

2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO

LUCIANA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

SEGUIMENTO DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia sob a orientação do Prof. Dr. Pe. César Teixeira.

SÃO PAULO

2014

Banca Examinadora

SIGLAS

DA - Documento de Aparecida

DV - Dei Verbum

LG - Lumen gentium

EN - Evangelii Nuntiandi

GD - Gaudium et spes

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I SEGUIMENTO: EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO	14
1.1 A FONTE PRIMEIRA DO SEGUIMENTO: DEUS E JESUS	14
1.1.1 Seguimento em Deus.....	15
1.1.2 Seguimento em Jesus Cristo	17
1.2 SEGUIMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO.....	19
1.3 SEGUIMENTO NO NOVO TESTAMENTO	21
CAPÍTULO II CARACTERÍSTICAS DO SEGUIMENTO DE JESUS	25
2.1 CHAMADOS AO SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO.....	25
2.1.1 Seguimento e imitação	25
2.1.2 Seguimento e liberdade	27
2.1.3 Seguimento e disponibilidade	28
2.1.4 Seguimento e a Alegria	29
2.2 SEGUIMENTO COMO RESPOSTA A UM CHAMADO	30
2.2.1 O discipulado como eleição.....	30
2.2.2 Chamar pelo nome	31
2.3. SEGUIMENTO COMO NOVA FORMA DE VINCULAÇÃO E PERTENÇA.....	32
2.3.1 Membros de uma nova família	33
2.3.2 Ouvintes da Palavra.....	34
CAPÍTULO III IMPLICAÇÕES ECLESIOLÓGICAS	
DO SEGUIMENTO DE JESUS HOJE.....	35
3.1 VATICANO II: UM NOVO PARADIGMA ECLESIOLÓGICO E DISCIPULAR .	35
3.2 IMPLICAÇÕES DA NOVA ECLESIOLOGIA.....	37
3.2.1 A missão em perspectiva eclesial.....	37
3.2.2 Os discípulos ouvintes da Palavra.....	38
3.2.3 A Pedagogia do Encontro	39
3.2.4 Vida em comunidade e opção pelos pobres.....	40

3.3 CAMINHO E SEGUIMENTO: CONFRONTOS, ENFRENTAMENTOS E RUPTURAS.....	41
3.3.1 Seguindo Jesus Caminho	41
3.3.2 A Cruz como seguimento de Cristo	42
CONCLUSÃO.....	45
BIBLIOGRAFIA.....	47

DEDICATÓRIA

A todas as pessoas que buscam cada dia seguir Jesus Caminho, Verdade e Vida. Aos jovens que se deixam interpelar pelo convite de Jesus: “vem e segue-me”, lançando-se para frente com alegria, fidelidade e entusiasmo na resposta a este chamado.

AGRADECIMENTO

Hoje, vivo uma realidade que parece um sonho, mas foi preciso muito esforço, determinação, paciência, perseverança, ousadia e maleabilidade para chegar até aqui e nada disso eu conseguiria sozinha. Minha terna gratidão a todos aqueles que colaboraram para que este sonho pudesse ser concretizado.

Agradeço a Deus o dom da vida, o seu amor infinito. Sem Ele, nada eu sou. Agradeço aos meus pais Paulo e Josefa. Agradeço as Irmãs Apostolinas, a minha comunidade, que me possibilitaram esse Curso e, sobretudo, a presença constante e apoio nestes anos.

Agradeço ao professor César Teixeira que, com muita paciência, dedicação, atenção, me acompanhou na elaboração deste trabalho. Agradeço aos professores, diretores e todos os meus colegas de classe a paciência, o sorriso, o abraço, a mão que sempre se estendia quando eu precisava. Esta caminhada não seria a mesma sem vocês.

Obrigada a todos os, mesmo não citados aqui, muito contribuíram para a conclusão desta etapa.

RESUMO: Este trabalho busca responder algumas questões: O que é o seguimento de Jesus? Quais são as suas implicações? Vimos que não basta responder a esse primeiro questionamento, sem antes analisar o próprio significado da palavra seguimento. De modo geral, *seguimento* significa ação ou efeito de seguir. Aquilo que é produzido por uma causa, um efeito, um resultado e uma consequência. O objetivo foi identificar a fonte primeira do seguimento de Jesus. Jesus é a revelação de Deus, nele encontra-se também a mesma dinâmica da revelação de Deus, isto é, o ser de Jesus é o próprio ser de Deus. O seguimento de Jesus é a essência da vida cristã. Seguir Jesus é reproduzir a estrutura fundamental de sua vida: encarnação, missão, cruz e ressurreição, ou seja, é ser e viver como Jesus viveu. O seguimento de Jesus não pode ser puramente *imitação* de suas ações, mas essa *imitação* deve ser permeada pela ação do Espírito e marcada pela diversidade das circunstâncias históricas e teológicas. Entre estas estão incluídas, negativamente, a não chegada do Reino de Deus e, positivamente, a ação do Espírito que continua propiciando o novo. O seguimento, portanto, é o Espírito e não a lei, pois esse Espírito recorda Jesus. Seguir Jesus implica ter no centro olhar e o coração dos *pobres*, isto é, situar-se na perspectiva dos que sofrem. Sendo assim, o discipulado de Jesus exige que a pessoa faça seus os sofrimentos e aspirações dos *pobres*, assumindo sua defesa. Seguir Jesus é viver com *compaixão*, ou seja, *sacudir de nós a indiferença*.

Palavras-chaves: Jesus. Seguimento de Jesus. Reino de Deus. Fé cristã. Chamado e envio. Práxis do amor.

ABSTRACT: This paper tries to answer some questions: what is the follow-up of Jesus? What are the implications? The answer to these questions we have seen that it is not enough to respond to this first question without first reply on the question of the meaning of the word follow-up. In general, follow-up means the action or effect of below. What is produced by a cause, an effect, a result and a consequence. The objective of the study was to identify the source of the following of Jesus. Jesus is the revelation of God, it is also the same dynamic of the revelation of God, that is, the being of Jesus is the very being of God. Following Jesus is the essence of the Christian life. Following Jesus is to reproduce the fundamental structure of your life: incarnation, mission, cross and resurrection i.e. is to be and live as Jesus lived. The follow-up of Jesus cannot be purely imitation of their actions, but this imitation must be permeated by the action of the Holy Spirit and marked by the diversity of the historical circumstances and theological. Among these are included, negatively, not the arrival of the Kingdom of God and, positively, the action of the Spirit that continues providing the new. The follow-up, therefore, is the Spirit and not the law, because this Spirit reminds Jesus. Following Jesus involves having in the center of your eyes and your heart the poor, that is, be in the perspective of those who are suffering. Thus, the discipleship of Jesus requires that the person make their sufferings and aspirations of the poor assuming his defense. Following Jesus is to live with compassion, i.e. shake us to indifference.

Keywords: Jesus. Following Jesus. Kingdom of God. Christian faith. Called and sent. Praxis of love.

INTRODUÇÃO

A porta de entrada, ou melhor, o ponto de partida do caminho de Seguimento é deixar-se atrair, encantar. Pois a atração foi primordialmente visível na vida e ação de Jesus. De forma que “*seguiram-no multidões numerosas vindas da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e da Transjordânia*” (Mt 4,25). A atração nos põe em movimento, em busca de conhecer mais e melhor o que nos atrai, nos põe a caminho no seguimento. Foi, portanto, deste movimento, inquietação, desejo de saber, o que é de fato seguimento, a quem seguir, e como seguir, que nasceu o tema: O Seguimento de Jesus.

O caminho que iremos percorrer a partir de agora será progressivo, dinâmico e alegre. A progressividade será percebida, sobretudo no primeiro capítulo, quando buscaremos definições do que seja o Seguimento. Utilizaremos várias obras de estudiosos, fontes e conceitos. Assim, um dos aspectos que o Seguimento nos remete é consequência dele mesmo, isto é, a relação entre mestre e discípulo. Dentro dos costumes rabínicos, a relação mestre-discípulo era exigência do seguimento, exigência empenhativa e constante para trilhar os caminhos da vontade divina. E provavelmente Jesus foi e continua sendo reconhecido como Mestre, porque sempre atraiu e atrai numerosas multidões de discípulos que o seguem até hoje. Mas o Mestre Jesus, a quem somos chamados a seguir, é um Mestre diferente, aliás, é o único Mestre, porque dá o exemplo, sobretudo ao lavar os pés dos discípulos (Jo 13,13-15).

Depois, olhar para Jesus e perceber como ele seguiu indo até as últimas consequências. Dizendo que seguir Jesus, ser seu discípulo é estar com ele, é analisar o modo de ser Cristão, ou seja, é fazer dele o ponto de referência da nossa vida cristã. O seguir é por toda vida estar disposto a viver e assumir todo o dinamismo do seguimento.

A dinamicidade deste caminho de Seguimento será papel do segundo capítulo. E se deve, primeiramente, à ação do Espírito que entra em cena para imprimir no discípulo as características do Seguimento. Nesse segundo capítulo, tais características, além de serem dinâmicas, são continuativas, no sentido de que uma desemboca na outra. Desejamos mostrar que no seguimento existem características próprias, tais como estas: deixando claro que a imitação será sempre uma exigência da vida cristã. Não podemos simplesmente transpor o seu modo de agir. É um imitar com o coração, até mesmo porque nós não conseguimos fazer exatamente como Jesus fez. Uma imitação permeada pela ação do Espírito. Podemos dizer que é uma imitação mais exigente.

Contudo, à luz da metodologia bíblica ou do próprio Mestre que chama ao seguimento, consideraremos outra característica fundamental, isto é, a liberdade que, além de ser uma característica, é também condição para o Seguimento. Dessa forma, assim como um pássaro não alcança seu destino se estiver preso, impedido de voar, o ser humano não segue a Jesus, se não for livre, ou ao menos se não estiver disposto a fazer um processo de libertação de tudo o que possa significar impedimento. Pois a liberdade supõe inclusive disposição para passar pela cruz. A liberdade é capaz de levar o discípulo até a cruz, mas não obrigado, e sim como o Mestre Jesus: “ninguém tira a minha vida, eu a dou livremente” (Jo 10,17-18).

Essa liberdade tem razão de ser quando falamos que seguimento requer proximidade e movimento. A liberdade é a condição básica para manter a proximidade com Jesus. Não posso ser bom seguidor de Jesus, se estou com a mente e o coração à vontade, ou seja, com minha vida atada por realidades do presente e do passado. O seguimento que Jesus nos pede é aquele da entrega total da própria vida. Não podemos caminhar em cima do muro, ou com um pé no seguimento e outro fora dele. Jesus deixa essa realidade bem clara quando fala de seguimento. Este é sempre uma resposta ao chamado de Jesus, chamado de amor que implica toda a pessoa do discípulo. Para seguir, é preciso necessariamente ter novas posturas, tomar novas decisões, perder as seguranças cotidianas; sem essas atitudes, não é possível seguir a Jesus.

Por fim, o terceiro capítulo vem coroar o nosso caminho com alegria e também realização, porque podemos olhar para a história e ver que a missão de Jesus continua sendo realizada graças àqueles que o encontraram, o escutaram e se puseram em seguimento. É por isso que temos uma eclesiologia-discipular. Nesse capítulo pretendemos mostrar algumas implicações eclesiológicas do seguimento de Jesus hoje, antes de tudo dizendo que é seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes que a Igreja deve cumprir sua missão, ou seja, a Igreja vive os sinais do Reino quando caminha na companhia do pobre, quando é capaz de estar com ele.

Assim sendo, no caminho do seguimento existe ruptura, enfrentamentos e confrontos. É no caminhar, na persistência, na busca, nas motivações, nas descobertas que a pessoa vai se encontrando com Jesus Cristo, com a comunidade e com a missão. O modelo perfeito do caminho se encontra em Jesus ele vive a dinâmica própria do caminho em sua pessoa sua história.

Não podemos esquecer que ser seguidor de Jesus implica ser ouvinte da Palavra. A Palavra é a fonte, onde devemos buscar tudo para sermos verdadeiros seguidores. Quando fazemos de fato um profundo encontro com ele, nós seres humanos sabemos quem somos, de onde viemos e para onde vamos. E não podia deixar de fora que seguir implica viver em comunidade; o discípulo não pode viver isolado, mas inserido na vida da comunidade, comprometido com ela. O chamado e o amor predileto de Jesus por seus discípulos cria entre eles comunhão fraterna, comunidade unida em Cristo, e por fim a implicação da cruz. Quem se dispõe a seguir Jesus Cristo carrega junto ele a cruz.

Após boa caminhada pelos caminhos do Seguimento do Mestre Jesus, compreenderemos que, além de satisfazer-nos em nossas inquietações e desejos de mais e melhor saber o que é o Seguimento, este também nos interpela a nos colocar conscientemente a caminho como discípulos e missionários, pois pelo batismo todos somos, e cada um é chamado e constituído Povo de Deus.

CAPÍTULO I

SEGUIMENTO: EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO

A expressão *seguimento de Jesus* se mostra tão grandiosa que, em cada época ou momento da história, provoca questionamentos sobre o seu próprio significado, como por exemplo: O que é o seguimento de Jesus? Quais são as suas implicações? A partir disso, vimos que não basta responder a esse primeiro questionamento sem antes responder sobre a questão do próprio significado da palavra seguimento. De modo geral, *seguimento* significa a ação ou o efeito de seguir. Aquilo que é produzido por uma causa, um efeito, um resultado e uma consequência. Nesta perspectiva, a palavra *seguimento* vem do verbo seguir, isto é, ir atrás ou na companhia de alguém, marchar ou caminhar após, acompanhar.¹ Portanto, diante de qualquer tentativa de entender a palavra *seguimento*, já podemos perceber quantas implicações se avolumam, fazendo suscitar cada vez mais interrogações. Quais são as causas e os efeitos que daí, porém fazem seguir Jesus? Qual é a causa primeira do seguir Jesus? Seguir Jesus é seguir quem e o que?

Para além do sentido literal ou morfológico da palavra *seguimento*, temos também o sentido inédito que foi instaurado por Jesus, com suas características próprias e inéditas. Contudo, para atingir o objetivo desse *seguimento*, foram necessários seguidores, pessoas ou grupos que levaram adiante a sua mensagem até os confins do mundo. Foram pessoas que começaram a colocar em prática o significado e as exigências do Reinado de Deus, de forma consciente, livre e coletiva. Tudo foi possível, graças a essa nova compreensão e conceituação do significado de *seguir* a partir de Deus, passando por Jesus, que desencadeia o *seguimento* nos seus discípulos e chega até hoje por meio da Igreja.²

1.1 A FONTE PRIMEIRA DO SEGUIMENTO: DEUS E JESUS

O termo grego *Logos* significa *palavra, verbo* e define a Palavra de Deus ou o próprio Deus.³ No Novo Testamento, o termo *Logos* qualifica Jesus como aquele que revela a

¹ FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

² AZEVEDO, Clotilde, Prates. *O ministério da Palavra a partir do Vaticano II no Brasil - 1983-2003 - e a exigência de um processo de discernimento vocacional*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Centro Universitário Assunção, 2005, p. 31-32.

³ *Logos* é usado mais concretamente no Evangelho de João. Cf. Jo 1.1: “No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus”.

inteligência e a sabedoria de Deus. Assim, Jesus é a revelação de Deus, nele encontra-se também a mesma dinâmica da revelação de Deus, isto é, o ser de Jesus é o próprio ser de Deus. Ora, assim como a revelação é algo dinâmico, algo que segue adiante, assim também esse dinamismo ou esse seguimento tem como fonte primeira Deus e Jesus.⁴

1.1.1 Seguimento em Deus

A ação do verbo *seguir* é dinâmica, algo que exige um avançar contínuo. Essa é a própria realidade da causa primeira da revelação de Deus, isto é, um Deus que não é estático, mas dinâmico, um acontecimento, exclusividade de quem é um ser pessoa. O próprio nome de Deus, antes de ser *substantivo*, é verbo, o verbo *ser*, *acontecer*.⁵ E esse acontecimento modificou o homem, mudança que atinge o âmago da vida. *A revelação é uma nova determinação do sujeito consciente e livre; nela Deus dá a esse sujeito humano o sentido da vida, como ato de amor que é conhecimento dinâmico.*⁶ Essa vitalidade vem por meio de sua *fonte de compreensão*, isto é, a Palavra de Deus, que é o próprio Deus em pessoa. Portanto, Deus é o *seguimento* ou o *seguir* de seu próprio dinamismo pulsante que gera vida divina.⁷

A partir da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, é possível perceber que, na revelação, Deus comunica, com gratuidade, a sua própria vida divina na história das criaturas. Partindo de um Hino Paulino (Ef 1,9s), é possível afirmar a revelação de Deus como ato de sua vontade, bondade e sabedoria, ou seja, Deus quis revelar-se e dar a conhecer o mistério da sua vontade. Que vontade? De que os seres humanos, por meio de Cristo, Verbo encarnado, tenham acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornem participantes da natureza divina (Ef 2,18; 2Pd 1,4). Sendo assim, é possível afirmar que, *em virtude desta revelação, Deus invisível* (Col 1,15; 1Tm 1,17), *na riqueza do seu amor, fala aos homens como amigos* (Ex 33,11; Jo 15,14-15) e *convive com eles* (Br 3,38), *para os convidar e admitir à comunhão com ele mesmo.*⁸ Esta revelação se dá, concretamente, por meio de ações e palavras intimamente relacionadas

⁴ TEIXEIRA, César. A Revelação de Deus na História e nas Escrituras. *Dei Verbum 1-13*. In: ALMEIDA, J. C.; MANZINI, R; MAÇANEIRO, M. (orgs.). *As Janelas do Vaticano II. A Igreja em Diálogo com o Mundo*. Aparecida: Editora Santuário, 2013, p. 158.

⁵ “A etimologia do nome Javé não pode mais ser constada com segurança. Israel derivou o nome Javé do verbo hebraico “haiah”, que significa “ser, revelar-se como tal, estar presente”, e a partir daí deu ao nome a seguinte interpretação “eu sou o que sou”, ou “Eu, o presente, estou presente” (Ex. 3,14). Com isso dá-nos a entender que Javé está presente não apenas na revelação do seu nome, mas também posteriormente”. METZGER, Martin. *História de Israel*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 23.

⁶ TEIXEIRA, César. A Revelação de Deus na História e nas Escrituras. *Dei Verbum 1-13*, p. 158.

⁷ TEIXEIRA, César. A Revelação de Deus na História e nas Escrituras. *Dei Verbum 1-13*, p. 158-159.

⁸ PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007, n. 2.

entre si, ou seja, as ações de Deus, realizadas na história da salvação, *manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido.*⁹ Mas, não é possível esquecer que é em Cristo, mediador e plenitude de toda a revelação, que se manifesta a verdade profunda sobre Deus e a salvação do ser humano.

O *seguimento em Deus* dá-se pelo Verbo. Como exposto acima, Deus se dá a conhecer como mistério de amor infinito, no qual, desde a eternidade, o Pai exprime a sua Palavra no Espírito Santo. Sendo que o Verbo, desde o princípio, está junto de Deus e é Deus, é ele quem, ao mesmo tempo, revela o próprio Deus nesse diálogo de amor entre as Pessoas divinas e convida os seres humanos a serem participantes desse diálogo. Partindo do evangelista João (Jo 1,1ss), afirmamos que o Verbo/Palavra se fez carne, e dessa forma, a Palavra por excelência de Deus, a Palavra última e definitiva, é Jesus Cristo, a sua pessoa, a sua missão, a sua história. Nele, todas essas realidades estão intimamente unidas e têm seu ponto culminante na Páscoa.¹⁰

Jesus é o evangelho de Deus para os seres humanos. Portanto, ele revela e testemunha Deus à humanidade e, com isso, se revela como Palavra verdadeira de Deus, prometida desde sempre ao mundo (Jo 1,1-5). Palavra que, imersa no mistério de Deus, comunica e anuncia a boa nova e, por isso, clama pela vida, pela justiça e pela misericórdia.

No Terceiro Congresso Vocacional do Brasil, João Batista Libânio afirmava que, como discípulos, *seguimos Jesus que segue o Pai*. Pois, Deus vai se revelando e dando a conhecer na realidade, e Jesus faz esta experiência ao longo de sua vida pública. *O real é o grande lugar de Deus falar [...]. Trata-se de encontrar Deus em todas as realidades. Não mais 'amar a Deus sobre todas as coisas', mas 'em todas as coisas'*.¹¹ Jesus olhava para a realidade como expressão da vontade do Pai e nela ia construindo seu discipulado. *Nem a pura realidade é vontade do Pai, porque é cega, nem a pura ortodoxia. Mas o choque das duas.*¹²

⁹ PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n. 2.

¹⁰ PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Dei Verbum*, n. 4.

¹¹ LIBÂNIO, João Batista. In: <http://www.cnbb.org.br/imprensa-1/arquivo/pastoral-vocacional-1/4597-padre-libanio-fala-sobre-a-teologia-do-discipulado-e-da-missao-no-congresso-vocacional>. Acessado em 09/04/14 às 16:47.

¹² LIBÂNIO, João Batista. In: <http://www.cnbb.org.br/imprensa-1/arquivo/pastoral-vocacional-1/4597-padre-libanio-fala-sobre-a-teologia-do-discipulado-e-da-missao-no-congresso-vocacional>. Acessado 09/04/14 às 16:50.

Deus se revela, em Jesus, no acontecer da história. Só mediante o seguimento e no seguimento é possível conhecer verdadeiramente a Deus, relacionar-se com ele e viver na fidelidade ao seu projeto.¹³

1.1.2 Seguimento em Jesus Cristo

Jesus é o próprio *seguimento* de Deus e o seu *seguir* foi até as últimas consequências, isto é, entregou sua vida, morreu por nós. O seguimento, por meio do qual Jesus chamou homens e mulheres, era prático e não apenas teórico. Isso quer dizer que seu anúncio do Reinado de Deus não era vazio, mas se realizava na prática concreta de suas ações. A vinda do Reino de Deus e a conversão são preocupações centrais de Jesus Cristo. Por isso, busca reunir o povo em torno desse tema, para que volte a ser novamente o fiel povo de Deus.¹⁴

Quando Jesus se cerca de discípulos e institui o grupo dos *Doze*, retomando a simbologia base das 12 tribos de Israel, para serem anunciadores do Reino de Deus, não está pensando em criar uma nova instituição religiosa dentro de Israel, mas em sua restauração.¹⁵ Sendo assim, o movimento desencadeado por Jesus se insere no contexto histórico de seu tempo, de um povo oprimido e subjugado e nos vários movimentos messiânicos¹⁶ e os proféticos;¹⁷ que nasceram a partir desse contexto: O movimento de Jesus era tido como um deles.

O anúncio do Reinado de Deus, na perspectiva do movimento de Jesus, não consiste numa ou fuga do mundo, mas na encarnação na vida do povo, gerando um processo de conversão pessoal e comunitário a partir das exigências desse anúncio.

Retomando alguns elementos expostos anteriormente sobre o *seguimento*, vemos que: o seguimento de Jesus se diferencia substancialmente dos costumes da época, pois não são os

¹³ Não é possível o seguimento à margem da história; não é possível a fidelidade a Deus à margem do seguimento. Por isso, a história da salvação é uma história de seguimento. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 35.

¹⁴ ALTANA, A. *Vocazione cristiana e ministeri ecclesiali*. 3. Ristampa. Roma: Libreria Editrice Rogate, 1976, p. 23.

¹⁵ VELASCO, R. *A Igreja de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 25.

¹⁶ “Estes movimentos eram mais diretamente políticos, e até armados. Ligavam-se à tradição dos grandes reis de Israel, e seus líderes se declaravam reis, ou o messias sucessores de Davi que haveria de trazer o reino de Deus para a libertação do povo. No tempo de Jesus, sua principal preocupação era abalar o jugo imperial, o que lhes custou sangrentas retaliações da parte das forças romanas de ocupação”. VELASCO, R. *A Igreja de Jesus*, p. 25.

¹⁷ “Eram movimentos mais diretamente religiosos. Surgiam das esperanças de salvação que brotavam em setores populares marginalizados. Esperavam uma mudança radical e iminente da situação, por obra de Deus. Inspiravam-se mais na libertação do êxodo do que na realeza de Israel. Seu líder normalmente era mais um *profeta carismático* que costumava ser malvisto pelas autoridades políticas e religiosas, que tratavam de eliminá-lo para destruir o movimento”. VELASCO, R. *A Igreja de Jesus*, p. 25.

discípulos que escolhem o Mestre com base em critérios preestabelecidos, mas é Jesus que, nos escolhe, à semelhança de Deus que escolhia os profetas (Mt 1,16ss; Mt 8,22). E quando Jesus chama os discípulos, não é simplesmente para que eles o imitem materialmente, em seus gestos e comportamento, mas para que sejam de fato operários e colaboradores no Reino de Deus próximo e presente, cumprido no Filho e orientado para um futuro de realização escatológica (Lc 9,59ss; Mc 1,5; Mt 15,24; 4,17; Mc 3,14ss; Mt 19,28).¹⁸

Seguir Jesus, ser seu discípulo, estar com ele, é designar o modo de ser cristão, ou seja, crer em Jesus, permanecer com ele e aderir ao seu projeto, é fazer Jesus o ponto de referência. Segundo Arroy Merlos, quem segue Jesus não segue somente por um tempo. A fidelidade está no coração do seguimento, ainda que o discípulo tenha sempre a tentação de desdizer-se. Seguir Jesus é converter-se desde as raízes mais profundas do próprio ser (Mc 1,16; Mt 9,9; Mc 10,17ss; Mt 8,21ss).¹⁹

Para seguir Jesus, é necessário ter espírito ousado, pois no *seguimento* o discípulo não pode esperar futuro e sorte diferente, daquele a quem segue. No caminho está a cruz, a perseguição, o conflito, a negação de si mesmo e a morte, como premissas da libertação e da exaltação que provém do senhorio de Deus. Mas, isto só é possível quando o discípulo assume o *seguimento* incondicionalmente (Mt 10,24; Mc 8,34).²⁰

Identificar-se com Jesus é compartilhar o seu modo de realizar a missão. Jesus vive existencialmente cativado pelo Reino de Deus. Anunciar o Reinado de Deus – torná-lo presente e comunicá-lo – é a missão que confere unidade à vida do discípulo. Com isso, afirma-se que seguir Jesus é colaborar na missão de tornar presente agora o Reino da vida em meio às situações de morte. Segundo o Documento de Aparecida, no seguimento de Jesus Cristo aprende-se a praticar as bem-aventuranças do Reino.²¹

Para os seguidores de Jesus, não pode haver nada mais importante do que comprometer-se com o Reino de Deus. Esse dever ser o objetivo primeiro dos cristãos. Aqui

¹⁸ ARROYO, Merlos Francisco. Seguimento de Jesus Cristo. In: PERDROSA, V. M.; NAVARRO, M.; LÁZARO, R.; SASTRE, J. *Dicionário de Catequética*, São Paulo: Paulus, 2004, p. 1019.

¹⁹ ARROYO, Merlos Francisco. Seguimento de Jesus Cristo, p. 1019.

²⁰ ARROYO, Merlos Francisco. Seguimento de Jesus Cristo, p. 1019-1020.

²¹ “Aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor servicial até à doação de sua vida. Hoje, contemplamos a Jesus Cristo tal como os Evangelhos nos transmitem para conhecermos o que ele fez e para discernirmos o que nós devemos fazer nas atuais circunstâncias”. DOCUMENTO DE APARECIDA (DAp.). Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007, n. 74. (Daqui em diante será citado DAp. para DOCUMENTO DE APARECIDA).

está o segredo de amar a Deus, ter sede e fome de Justiça. Seguir Jesus é viver para o Reinado de Deus.²²

Seguir é a mesma coisa que viver com Jesus (Jo 1,38), é estar aonde ele está, ir aonde ele vai (Jo 13,36). Como afirma Pagola, seguir a Jesus é uma aventura que desinstala, pois, para quem segue, a partir do momento que decide ir após quem o convida a edificar sua vida com novos parâmetros, não existe outra possibilidade do que deixar-se possuir pelas exigências que lhe são propostas.²³ Por isso, não é possível delimitar o *Seguimento* a Jesus apenas a proximidade com ele, mas, seguir é também um movimento.²⁴

Segundo Castillio, Jesus não ficava estacionado num só lugar, mas estava sempre a caminho; sempre foi pregador itinerante muito carismático, que tinha o seu destino marcado pela fidelidade de seguimento a Deus e ao seu projeto. Por isso, seu caminho termina em Jerusalém, onde morre por nós. Neste sentido, os evangelhos são eloquentes e com frequência apresentam Jesus a caminho (Mt 20,17.30; 21,8.19; Mc 2,23; 8,27; 9,33-34; Lc 9,57; 18,35; 19,36; 24,32.35).²⁵

1.2 SEGUIMENTO NO ANTIGO TESTAMENTO

Na linguagem do Antigo Testamento, o verbo *seguir* é usado principalmente para falar de *seguir os deuses estrangeiros; andar atrás deles em procissão* (Jz 2,12; Dt 4,3; 6,14; 1Rs 21,26; Jr 7,6.9). Segundo Heuschen.²⁶ por causa destas lembranças das práticas culturais dos pagãos, o termo não é usado com frequência para indicar a fidelidade ao culto de Javé: *andar pelos caminhos de Javé* (Dt 1,36; 1Rs 14,8; 18,21; 2Rs 23,3; Jr 2,2). No entanto, a ideia da imitação de Deus também está presente no AT, onde o israelita piedoso devia imitar a

²² “Jesus não deixou atrás de si uma “escola”, no estilo dos filósofos gregos, para continuar aprofundando-se na verdade última da realidade. Tampouco pensou numa instituição dedicada a garantir no mundo a verdadeira religião”. PAGOLA, José Antônio. *Jesus, aproximação histórica*, Petrópolis: Vozes, 2010, p. 569.

²³ “Seguir Jesus é toda uma aventura. Ele não oferece segurança ou bem-estar aos seus. Não ajuda a ganhar dinheiro ou qualquer poder. Seguir Jesus é “viver a caminho”, sem instalar-nos no bem-estar e sem buscar um falso refúgio na religião. Uma Igreja menos poderosa e mais vulnerável não é uma desgraça. É o melhor que nos pode acontecer para purificar nossa fé e confiar mais em Jesus”. PAGOLA, José Antônio, *O caminho aberto por Jesus*, Petrópolis: Vozes, 2012, p. 164.

²⁴ “Seguir” Jesus é uma metáfora que os discípulos aprenderam pelos caminhos da Galileia. Para eles significa concretamente: não perder Jesus de vista; não ficar parados longe dele; caminhar, mover-se e dar passos atrás dele. “Seguir” Jesus exige uma dinâmica de movimento. Por isso, o imobilismo dentro da Igreja é uma enfermidade mortal: mata a paixão de seguir Jesus compartilhando sua vida, sua causa e seu destino. PAGOLA, José Antônio, *O caminho aberto por Jesus*, p. 165.

²⁵ CASTILLO, M. José. *EL Seguimento de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 21.

²⁶ HEUSCHEN, J. “Imitar”. In: BORN, A. Van den (red.). *Dicionário Enciclopédico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, col. 718-720.

Deus, sobretudo na aliança e na solidariedade com seus irmãos. Neste sentido, a exigência de justiça e santidade é motivada por uma referência à própria santidade de Deus.

A imagem do Antigo Testamento sobre o *seguimento*, segundo Vera Bombonato,²⁷ vem acompanhada de dupla dificuldade. De um lado, recorda os que seguem os deuses pagãos (Jr 11,10; Dt 4,3). E se relaciona com a imagem do adultério, imagem predominante na pregação do profeta Oséias. Israel *segue* o amante e se esquece do esposo (Os 1,2; 2,7.15). De outro lado, para o pensamento hebraico, caracterizado pela concretude, é impossível seguir um Deus transcendente.

A expressão *seguir Javé*, por sua vez, não pode significar senão *inclinação, dependência, obediência, reconhecimento de soberania, aceitação de seus mandamentos e preceitos*. No desenrolar da história de Israel, a expressão *seguir Javé* adquire significados variados e se torna mais concreta quando se trata do *seguimento*, não dos deuses ou do próprio Javé, mas dos enviados de Javé, dos profetas. Daí nasce a relação mestre/discípulo.²⁸

Na Tradição Rabínica, *seguimento* está relacionado ao estudo como dever pessoal e intransferível. Pois, na cultura hebraica, o estudo era requisito indispensável para ter verdadeira religiosidade. A figura do mestre, como depositário do saber, era fundamental. Não bastava frequentar a escola, mas segui-lo em tudo. Geralmente, o mestre era um ancião sábio com vida moral exemplar; era escolhido livremente pelo discípulo que o respeitava, venerava e a ele servia em tudo. A relação mestre e discípulo não era centrada apenas no campo teórico ou de doutrina, mas na prática da Lei. O mestre tinha como principal preocupação conduzir o povo pelos caminhos de compreensão da vontade divina, *expressa não apenas no Pentateuco, mas também na ‘tradição dos antigos’, transmitida, no início, apenas oralmente.*²⁹ O mestre devia ter qualidades intelectuais e exemplo de vida moral. Era escolhido também por seu conhecimento científico e por seu método de ensinar, *pois sua função não era apenas transmitir e conservar o patrimônio espiritual, mas recriá-lo constantemente.*³⁰

No sentido originário, *seguimento* não é conceito moral, nem primeiramente conceito didático da escola judaica, mas conceito que tem suas raízes na profecia do AT, quando se

²⁷ Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 38.

²⁸ BLANCO, S. “Seguimento”. In: RODRIGUEZ, A. A.; CANALS Casas, J. (orgs.). *Dicionário teológico da Vida Consagrada*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 1.010.

²⁹ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 39.

³⁰ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 39-40.

trata da formação de *grupo profético de discípulos* e do *seguimento no ofício de profeta e na mediação do Espírito*.³¹

1.3 SEGUIMENTO NO NOVO TESTAMENTO

O *seguimento*, instaurado por Jesus, foi de tal envergadura que concentrou em si a *experiência fundante do cristianismo [...] e passou a ser uma categoria fundamental em toda a história da salvação, porque engloba todos os elementos da resposta humana à intervenção de Deus na história da pessoa, por meio de Jesus*.³² Seguir e imitar são dois termos difíceis e abrangentes que constituem parte integrante da Tradição Cristã.

No Novo Testamento, o termo *seguimento*,³³ na maioria das vezes, *exprime a relação entre Jesus e as várias categorias de pessoas que se uniram a ele: aquelas que no ministério público o seguiram constantemente; as que acreditaram nele pela pregação dos apóstolos depois do Pentecostes; todas aquelas que vivem em comunhão com ele*.³⁴

Na visão de Jon Sobrino, um *fato histórico assegurado é que Jesus chamou diferentes pessoas para segui-lo em comunhão de vida, missão e destino. Todos os evangelhos relatam que Jesus, no começo de sua atividade pública, chamou vários discípulos com autoridade, incondicionalmente e sem maiores explicações: Vinde em meu seguimento (Mc 1,17 par), segue-me (Mc 2,14 par)*.³⁵

O evangelista Marcos, no decorrer do seu evangelho, vai fazendo compreender a verdadeira realidade do *seguimento*. Isso se dá quando Marcos questiona e convida o leitor para ir seguir Jesus. Só assim o discípulo encontrará a resposta sobre quem é Jesus. É por este motivo que Marcos é chamado de *evangelista do seguimento*,³⁶ aquele que vai ao encontro do que reza a tradição rabínica, em que o aluno ou discípulo era quem ia atrás do mestre. Porém, na tradição iniciada por Jesus, é o próprio Jesus quem vai em busca do discípulo e o chama, como lemos em Jo 15,16: *Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi*.

³¹ BLANK, J. “Seguimento” In: PETER, E. C. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 819.

³² BOMBONATO, Vera Ivnise. *Seguimento de Jesus*, p. 35.

³³ O seguimento de Jesus, seguir a Cristo (do grego *akolouthéo* é evocado de seus correspondentes *mathêtés*= discípulo e *manthâno*= aprender) é termo consignado umas 90 vezes no Segundo Testamento. Somente nos Evangelhos encontra-se 79 vezes distribuídas da seguinte maneira: Mateus (25), Marcos (18), Lucas (17) e João (19). ARROYO, Merlos Francisco. *Seguimento de Jesus Cristo*, p. 1019.

³⁴ BOMBONATO, Vera Ivanise, *Seguimento de Jesus*, p. 46. “Algumas exceções do uso de seguimento com esse sentido aparecem em Mt 9,19; Mc 14,13; Lc 22,10; Jo 11,31; 20,6; 21,20”.

³⁵ SOBRINO, J. *Seguimento de Jesus*. In: FLORISTÁN S. C; TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*, p. 772.

³⁶ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 53.

Ao iniciar o seu evangelho, Mateus conta que Jesus, andando ao largo do mar da Galiléia, viu pescadores e os chamou ao seu *seguimento* (Mt 4,18-22). A partir desta construção literária, Mateus desenvolve uma teologia da história do *Seguimento*, que se desdobra em três momentos sucessivos e complementares: a) o encontro com os futuros discípulos; b) o chamado; c) e a resposta dos que são chamados. Na metodologia de Mateus, *a comunidade dos seguidores de Jesus se constitui no serviço aos irmãos, na ajuda aos pequenos e no perdão aos pecadores (Mt 18)*.

O evangelista Lucas, repleto de sua própria cultura e munido de suas características de evangelista e historiador, trata a questão do *seguimento* com três visões: a) o passado, relacionado ao Primeiro Testamento; b) o presente, centrado na pessoa de Jesus; c) o futuro, que acontece no tempo da Igreja.³⁷ A este tripé dá-se o nome de história da salvação, desde o tempo de Israel (Lc 1,5-3,1), o tempo de Jesus (Lc 3,2-24,51) e o tempo da Igreja (Lc 24,52-53; At 1,3-28,31). Como afirma Vera Bombonato, para *Lucas, seguir Jesus significa acompanhar seus passos em sua viagem para Jerusalém, onde irá cumprir o seu destino de morte, seu êxodo*.³⁸

O evangelista João, além de reafirmar a realidade do *seguimento*, já expressa nos evangelhos sinóticos, abre uma nova perspectiva que se desdobra na interpretação da pessoa e obra de Jesus. Três temas teológicos perpassam o evangelho de João: *a revelação do amor de Deus ao mundo por meio do Verbo encarnado; a resposta positiva ou negativa do ser humano a essa manifestação de amor; e o efeito da revelação divina e da fé humana: a vida e a salvação*.³⁹ João acentua que o *seguimento* de Jesus não se reduz a andar com o Mestre, mas a estar em comunhão com ele, a permanecer com ele (Jo 1,37-39). Esta mesma metodologia, João a continua no Apocalipse, mas *exige participação incondicional na obra redentora de Cristo*.⁴⁰

O apóstolo Paulo, por estar situado na cultura greco-romana, desenvolveu de modo particular a relação com Cristo a partir da imitação. *Sede meus imitadores, como eu mesmo o sou de Cristo*, escreve Paulo aos Coríntios (1Cor 11,1). Para Paulo, imitar e configurar-se ao Cristo são as consequências do seguimento. Como aconteceu com ele, o mesmo ele acredita e defende que acontecerá com todos aqueles que fizerem a experiência de Jesus Cristo, por

³⁷ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 65.

³⁸ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 68.

³⁹ “A revelação divina aparece íntima e intrinsecamente relacionada com a resposta humana e com a salvação. A fé ou a incredulidade tem por objeto o Cristo revelador do Pai, que é acolhido ou rejeitado. A salvação da pessoa depende da revelação de Cristo e da adesão pessoal ao Filho de Deus, isto é, da fé existencial”. BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 71.

⁴⁰ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 75.

meio do Espírito. Esta imitação prezada por Paulo *não diz respeito à reprodução de gestos materiais, mas é uma conformação às grandes atitudes espirituais que Cristo nos revelou e que são próprias da ética cristã.*⁴¹

Contudo, os dois termos seguimento e imitação são distintos, pois *a imitação é um modo de atualizar o seguimento.* Eu sigo imitando as ações, observando os valores e guardando os mandamentos e orientações. Vários são os elementos que constituem o seguimento, já que esta foi a exigência específica e indutiva de Jesus.⁴² Começar pela obediência que presume renúncias radicais, como por exemplo abandonar obrigações religiosas tradicionais (Mt 8,21; Lc 9,59s), a família, os campos (Lc 14,25-35; Mt 10,37s), os bens, as riquezas (Mc 10,21), o matrimônio (Mt 19,10-12). A partir daí, é possível perceber a importância, o comprometimento e a seriedade que envolve o seguidor de Jesus e o conduz a constante aprofundamento.

O testemunho dos autores do Novo Testamento, especialmente dos evangelistas, ajuda a perceber que a expressão *seguir* ou *ir atrás* possui pelo menos três significados diferentes: seguir fisicamente Jesus ou outra pessoa; seguir físico unido à vinculação espiritual à pessoa de Jesus: o seguidor adere à causa de quem segue e participa de seu destino; seguir simbólico: passada a fase inicial da itinerância, o termo adquire densidade própria e valor simbólico, e converte-se em expressão de conduta cristã. *Antes de tudo, Seguir significa manter uma relação de proximidade com alguém, graças à atividade realizada por essa pessoa.*⁴³

Seguir, no sentido conotativo, significa sujeitar-se, obedecer, reconhecer, acatar preceitos, mandamentos, ordens, atender, aderir, depender, continuar, viver em harmonia.

Seguir, neste sentido conotado, pode significar a relação pai/filho e mestre/discípulo, dentro de uma vinculação à autoridade. Contudo, Marcos de Lima afirma que, no seguimento de Jesus, o discípulo gravita em torno dele, de seu destino, de sua pessoa e de seu modo de viver. A meta do seguimento é uma adesão sempre mais perfeita a Jesus.⁴⁴ Sendo assim, *Seguimento* é caminhar pelo caminho que o próprio Jesus inaugurou e percorreu; é antes de tudo ação.

⁴¹ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 81.

⁴² Cf. SOBRINO, J. Seguimento de Jesus. In: FLORISTÁN S. C; TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*, p. 772.

⁴³ BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 47.

⁴⁴ Ao invés de caminhar para uma independência em relação ao mestre, como entre os fariseus, o seguidor de Jesus caminha para uma dependência sempre maior em relação a ele. Como se pode perceber, nada de depreciativo. Aqui, a dependência é conotativa de qualidade e perfeição. LIMA, Marcos de. *Seguir Jesus*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 37.

Dessa forma, pode-se afirmar que seguir Jesus é romper com todo o passado; abandonar tudo, ou seja, desapegar-se de tudo o que impede o seguimento, abandonar toda forma de vinculação (Mt 4,18-22; Mc 10,28); submeter-se com fé e obediência à salvação, oferecida em Cristo (Mt 19,16-30 par; Mc 10,28; Lc 9,59-62; Jo 8,12). Neste sentido, o convite de Jesus para segui-lo torna-se, uma exigência messiânica.⁴⁵

Finalmente, é possível perceber que a importância e o significado do termo *seguimento* foram crescendo a partir da experiência das Comunidades Apostólicas nascentes.

⁴⁵ “A salvação não era uma entidade estática; estava-se realizando, e dependia do destino de Cristo que se ia verificando com o tempo. Por isso, seguir Cristo significava também: participar da sua vida instável nesta terra (Mt 8,19s par.) e de modo particular (embora somente até certo ponto: Jo 13,36s; Mc 10,38) participar de sua paixão e o testemunho de amor, que foi sua morte (cf. Mt 16,24-27: o tema da cruz). Essa exegese é confirmada pelo fato de o uso de seguimento terminar praticamente com os Evangelhos; portanto, com o Cristo histórico”. HEUSCHEN, J. Imitar. In: Born, A. Van den. *Dicionário Enciclopédico* (Red.). 2. ed. Petrópolis: vozes, 1977, col. 719.

CAPÍTULO II

CARACTERÍSTICAS DO SEGUIMENTO DE JESUS

2.1 CHAMADOS AO SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO

Jesus, ao chamar, não propõe um programa de vida, mas deixa claro que o seu convite tem uma finalidade. O seguidor deve assemelhar-se a ele, reproduzindo sua vida histórica e exercendo sua missão como ele a exerceu. Pois, o *seguimento* proposto por Jesus não se baseia somente no *estar com ele*, mas também no entregar-se à mesma tarefa do Mestre: a tarefa da libertação.⁴⁶ Mas, a partir do que foi apresentado no primeiro capítulo, não se pode esquecer que este *seguimento* só pode ser compreendido a partir da chave: discipulado-seguimento-missão.⁴⁷

2.1.1 Seguimento e imitação

De modo geral, imitação é ato ou efeito de imitar: querer fazer exatamente igual; reproduzir; ter por modelo. Imitar, portanto, é cópia, simulação, reprodução.

Em algumas passagens do Evangelho, Jesus propõe o modelo a ser imitado: *Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração (Mt 11,29) Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais (Jo 13,15)*. Mas, a proposta de Jesus não é de simples imitação. Ela deve desenvolver-se e converter-se em seguimento.

Segundo Marcos de Lima, imitar é o exercício espiritual, o esforço moral e místico, em dimensão interpessoal, para reproduzir na própria vida os traços, as virtudes e os sentimentos de Jesus na busca de centralizar a própria existência de acordo com o modo exemplar dele. Somente neste sentido se pode afirmar que a *imitação* é o ideal para toda e qualquer vida cristã. *Seguimento* passa a ser essa conformação interna, então, todo o conjunto da vida se torna imitação progressiva de Cristo.⁴⁸

O seguimento de Jesus não pode ser puramente *imitação* de suas ações, mas essa *imitação* deve ser permeada pela ação do Espírito e marcada pela diversidade das

⁴⁶ Segundo Castillo “seguimento de Jesus não se reduz à experiência intimista que muitas pessoas fazem no mais profundo de seu espírito quando se colocam em oração. Sem dúvida, o seguimento se baseia na amizade com Jesus e exige esse tipo de amizade. Mas, se uma pessoa se limita a isso, pode ‘estar certa de que não segue Jesus, por mais elevada que seja sua contemplação.’ CASTILLO, J. M. El seguimento de Jesús, p. 21.

⁴⁷ BARAUSSE, Paulo Tadeu. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado*, p. 169.

⁴⁸ LIMA, Marcos de. *Seguir Jesus*, p. 39.

circunstâncias históricas e teológicas. Entre estas estão incluídas, negativamente, a não chegada do Reino de Deus e, positivamente, a ação do Espírito que continua propiciando o novo. O seguimento, portanto, é o Espírito e não a lei, pois esse Espírito recorda Jesus.⁴⁹

A imitação será sempre uma exigência da vida cristã e requer uma estrutura como a do seguimento, porque toda imitação é manipulável e manipulada. Na verdade, a imitação é fator de crescimento humano. Por isso, faz-se necessário um equilíbrio muito grande em todas as dimensões da vida. Não é possível imitar preso a um fundamentalismo, pois imitar é muito mais que copiar materialmente. Não se pode simplesmente transferir o modo de agir de Jesus.⁵⁰ A imitação como simples reprodução de atos, na prática, é inviável, devido, sobretudo às mudanças histórico-sócio-culturais. *Deste modo, a imitação, longe de ser réplica perfeita, corre o risco de ser falsificação tão somente.*⁵¹

Imitação e vinculação estão intimamente interligadas à pessoa de Jesus e se torna o elemento central e característico do seguimento. Somente por essa vinculação se explicam os demais traços do seguimento.⁵² Outra característica dessa vinculação é a exclusividade ao lado de Jesus. Quando se fala de exclusividade, deseja-se dizer que não há espaço para outras realidades, ou seja, para outros mestres.⁵³ Pode-se notar que essa vinculação incondicional prolonga-se até a paixão e morte. Quando se assume o seguimento, a pessoa se dispõe, se compromete com Jesus por toda a vida: não se segue a Jesus por determinado tempo apenas. Por isso, o discípulo de Jesus acompanha seu mestre no caminho da cruz e no sacrifício: *Quem não carregar a sua cruz e não vem após mim, não pode ser meu discípulo (Lc 14,27).*⁵⁴

Seguir Jesus implica ter no centro do seu olhar e do seu coração os *pobres*, isto é, situar-se na perspectiva dos que sofrem. Sendo assim, o discipulado de Jesus exige que a pessoa faça seus os sofrimentos e aspirações dos *pobres*, assumindo sua defesa. Seguir Jesus é viver com *compaixão*, ou seja, *sacudir de nós a indiferença*⁵⁵ e não viver só de abstrações e princípios teóricos, mas aproximar-se das pessoas em sua situação concreta. O discipulado

⁴⁹ SOBRINO, J. Seguimento de Jesus. In: FLORISTÁN SAMANES, C; TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, p. 773.

⁵⁰ LIMA, Marcos de. *Seguir Jesus*, p. 41.

⁵¹ LIMA, Marcos de. *Seguir Jesus*, p. 41.

⁵² “E esta vinculação à pessoa é caráter distintivo, pois em outros casos de seguimento, por exemplo, no rabinismo, o centro não é a pessoa, e sim a tarefa, o aprendizado da lei. O discípulo de Jesus nunca se terá convertido em mestre que pode independizar-se (Mt 23,9); será sempre aprendiz, não, porém, de uma doutrina, e sim de uma pessoa, a de seu mestre. BLANCO, S. “Seguimento”, p. 1.012.

⁵³ “O discípulo rabino, em função de aprendizagem da lei, podia mudar de mestre ou compatibilizar a vários simultaneamente; era inclusive recomendado. Aos seguidores de Jesus, ao contrário, ser-lhes-á ensinado: ‘um só é o vosso mestre [...] um só é o vosso preceptor’” (Mt 23,8.10). BLANCO, S. “Seguimento”, p. 1.012.

⁵⁴ BLANCO, S. “Seguimento”, p. 1.012.

⁵⁵ PAGOLA, José Antônio. *Jesus, aproximação histórica*, p. 570.

que Jesus empreende pede: o desenvolver a *acolhida*; não viver com mentalidade de seita; não excluir nem excomungar.⁵⁶

2.1.2 Seguimento e liberdade

É na tríade discipulado-seguimento-missão que a liberdade tem sua razão de ser, pois significa aproximação, movimento, para estar perto de Jesus. O movimento do discípulo deve estar na mesma direção em que avança o Mestre Jesus. Sendo assim, o discipulado-seguimento-missão exige vigilância permanente, conversão contínua.⁵⁷

O discípulo de Jesus não pode estar preso a coisas, lugares e pessoas; deve estar livre de situações que o tornem prisioneiro do passado ou do presente. Por isso, outra característica de quem segue fielmente a Jesus é ter sempre, na mente e no coração, uma abertura para com o futuro.⁵⁸ É em Deus mesmo que essa atitude fundamental tem sua explicação. O Deus de Jesus é o mesmo Deus de Israel, o Deus que peregrina com seu povo, que sempre o acompanha, que avança pelo deserto da vida, que conduz os seus, num grandioso êxodo, até a terra prometida (Ex 3-34).

Segundo Barausse, a opção fundamental do discípulo de Jesus é a opção pela liberdade. Essa liberdade é condição básica para estar sempre próximo de Jesus e manter profunda intimidade com ele. Tal liberdade não deve ser compreendida como ato pontual, mas como meta que se alcança a partir do momento em que a pessoa se coloca no seguimento de Jesus. A liberdade é algo dinâmico, evolutivo, é uma tarefa para toda a vida. É a primeira tarefa que identifica um autêntico discipulado-seguimento-missão.⁵⁹

É possível afirmar que o seguimento de Jesus exige comprometer-se seriamente com a tarefa da liberdade. Seguir Jesus é o mesmo que assumir seu destino libertador. Porém, é importante saber o que se deseja dizer ao falar de libertação. Segundo Castillo, a libertação é o caminho da liberdade. Neste sentido, um texto que pode jogar um pouco mais de luz sobre essa realidade é a carta de Paulo aos Galátas: *Para ser livres, Cristo nos libertou: mantende-vos, pois, firmes, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão (Gl 5,1)*. Neste trecho, é possível perceber que Cristo Jesus é aquele que liberta para que a pessoa seja

⁵⁶ PAGOLA, José Antônio. *Jesus, aproximação histórica*, p. 570.

⁵⁷ BARAUSSE, Paulo Tadeu. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado*, p. 168.

⁵⁸ BARAUSSE, Paulo Tadeu. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado*, p. 168.

⁵⁹ BARAUSSE, Paulo Tadeu. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado*, p. 169.

realmente livre. Sendo assim, a libertação está em função da liberdade, e o projeto da liberdade é fundamental na vida do cristão. Como disse Jesus: *Se vos mantiverdes fiéis à minha palavra, sereis realmente meus discípulos, entenderéis a verdade, e a verdade vos tornará livres (Jo 8,31-32)*. Portanto, ser discípulo-seguidor de Jesus é ser livre.⁶⁰ São Paulo afirma com muita clareza: *Esse Senhor é o espírito, e onde está o Espírito do Senhor existe liberdade (2Cor 3,17)*. Ou seja, a característica essencial de uma pessoa que possui o Espírito de Deus é a liberdade.

Na teologia do Novo Testamento, encontramos a afirmação de que a única lei dos cristãos é a lei do amor (Jo 13,34; 15,12.17). E onde existe amor, existe liberdade. Castillo afirma que por isso se compreende a avaliação tão negativa que Paulo faz com relação à lei enquanto dinamismo oposto ao da liberdade da pessoa. Assim, na carta aos Romanos (Rm 6,14) se estabelece uma contraposição entre a lei e a graça de Deus, como duas realidades opostas. São opostas sim, porque a lei é característica da situação da pessoa em pecado, sendo que, ao contrário, a graça é a marca definitiva do regime que se instaura com Cristo Jesus.⁶¹

É importante deixar claro que a liberdade, que estamos falando, é a liberdade total, aquela que brota do amor e vive no amor. Para afirmar a natureza profunda da liberdade, temos como fundamento os textos de Gl 5,13-14; Rm 13,8-10. Nestes textos, aparece bem claro que o amor cristão é o cumprimento perfeito de tudo o que tem ou pode ter a lei, de maneira que o cumprimento perfeito da lei é o amor (Rm 13,10).⁶²

A partir do que foi exposto, é possível afirmar que a liberdade é o projeto essencial dos cristãos, pois a liberdade que brota do amor é expressa no amor incondicional aos demais. Desta forma se esclarece a necessária relação entre o seguimento de Jesus e a liberdade: não há seguimento de Jesus, onde não há entrega incondicional à tarefa da liberdade.⁶³

2.1.3 Seguimento e disponibilidade

Outra característica da tríade discipulado-seguimento-missão é a disponibilidade. O discípulo disponível é uma pessoa livre. Sendo assim, é possível afirmar que a disponibilidade é uma consequência lógica da liberdade.⁶⁴

⁶⁰ CASTILLO, J. M. *El seguimento de Jesús*, p. 158.

⁶¹ CASTILLO, J. M. *El seguimento de Jesús*, p. 160.

⁶² CASTILLO, J. M. *El seguimento de Jesús*, p. 162.

⁶³ CASTILLO, J. M. *El seguimento de Jesús*, p. 163.

⁶⁴ BARAUSSE, Paulo Tadeu. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado*, p. 169.

Segundo Barausse, é importante ter presente que a relação fundamental do discípulo com Jesus se interpreta a partir da chave discipulado-seguimento-missão, e não somente da imitação. Ser discípulo é abrir-se a um destino e, por isso, quando Jesus chama alguém para que o siga, não deixa claro para que o chama, nem apresenta um programa definido, nem fala dos motivos, nem admite condições. É um chamado que compromete a pessoa em uma aventura: estar aberto a todas as possibilidades e a todos os riscos. Mas também interpela a pessoa chamada para viver o mesmo destino que Jesus seguiu. É um compromisso sem limites, incondicional; um amor levado até as últimas consequências, até a morte de cruz. Essa disponibilidade, que se baseia na entrega de Jesus ao projeto de Deus Pai, é que define e caracteriza o discipulado-seguimento-missão de Jesus.⁶⁵

A liberdade e a disponibilidade encontram seu fundamento no eixo central de todo o discipulado-seguimento-missão, e se baseia no encontro pessoal com Jesus como pessoa vivente e atual. Segundo Barausse, nessa compreensão, a concepção de amizade é a que melhor se enquadra na relação que deve prevalecer entre o discípulo e Jesus. Uma amizade que se compreende e se vive como entrega, fidelidade e confiança.⁶⁶

2.1.4 Seguimento e Alegria

Alegria é característica indispensável na tríade discipulado-seguimento-missão de Cristo Jesus Ressuscitado. Ora, em Cristo Ressuscitado temos vida nova. Toda mensagem cristã é mensagem de alegria. Alegria é o tema central da mensagem do Novo Testamento (Lc 10,20-21; Mt 5,12; Jo 8,56; 11,15; 16,20ss; At 2,26; 8,39; 13,48; Tg 1,2; 2Cor 7,4; Rm 12,12; Fl 4,1; 1Tm 2,20; Ap 11,10). Uma alegria capaz de superar sobretudo os insultos, perseguições e calúnias, como descrevem os evangelistas (Mt 5,11; Lc 6,22-23). Será esta a característica que distinguirá os seguidores de Jesus dos seguidores de outrem?⁶⁷

É possível afirmar também que alegria é fruto do Espírito (Gl 5,22), e porque esse dom do Espírito fará com que, mesmo com perseguições, o discípulo sinta alegria. No entanto, com tais perseguições não se deseja apresentar um desmotivador caminho de seguimento, onde o discípulo encontrará somente frustrações e desgraças. Ao contrário, a alegria está justamente em passar por todas essas situações como Jesus passou e continuar seu

⁶⁵ BARAUSSE, Paulo Tadeu. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado*, p. 169.

⁶⁶ BARAUSSE, Paulo Tadeu. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado*, p. 169.

⁶⁷ CASTILLO, J. M. *El seguimento de Jesús*, p. 207.

caminho na experiência da ressurreição. Por isso, seguir Jesus é dirigir-se por um caminho que leva à plenitude da vida.⁶⁸

2.2 SEGUIMENTO COMO RESPOSTA A UM CHAMADO

2.2.1 O discipulado como eleição

O chamado ou eleição divina se manifesta em nosso dia-a-dia por meio de nossa livre e amorosa resposta de adesão ao projeto de Deus, por meio do seguimento a Jesus Cristo.⁶⁹

O chamado ao seguimento é pessoal e comunitário. O seguimento é sempre uma resposta ao chamado de Jesus, a um chamado de amor, que implica toda a pessoa do discípulo. Como afirma o Documento de Aparecida, a forma como Jesus chama, com seu olhar de amor e admiração, faz despertar *uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo, uma adesão de toda sua pessoa, ao saber que Cristo o chama pelo nome* (Jo 10,3).⁷⁰

A título de exemplo, tomemos o chamado dos primeiros discípulos em Marcos. *Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde em meu seguimento e eu vos farei pescadores de homens* (Mc 1,16-17).⁷¹ Neste trecho, é possível perceber que, quando Jesus chamou seus discípulos mais próximos, sabia que a finalidade última do chamado era associá-los à sua própria missão: *Venham após mim e eu os farei pescadores de homens* (Mc 1,17). O tempo que eles passaram junto de Jesus, compartilhando o seu estilo de vida, entende-se que foram momentos de preparação para poderem colaborar na tarefa de anunciar e fazer presente o Reino de Deus.

É próprio do ser humano ter segurança. Mas no seguimento de Jesus, a pessoa é convidada a fazer rupturas com a família, a profissão, os bens materiais, enfim, com tudo o que impede a pessoa de seguir com liberdade. Renunciar a todos os bens não quer dizer não

⁶⁸ CASTILLO, J. M. El seguimento de Jesús, p. 207.

⁶⁹ “Nestes últimos tempos, ele nos falou por meio de seu Filho Jesus (Hb 1,1ss), com quem chega a plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4). Deus, que é Santo e nos ama, nos chama por meio de Jesus a sermos santos (cf. Ef 1,4-5)”. Cf. DAp., n. 131.

⁷⁰ DAp., n. 136.

⁷¹ A nota *f* da Bíblia de Jerusalém sobre a palavra *seguimento* esclarece: “Lit.: ‘vinde após mim’. Aqueles que Jesus chama para que o sigam (1,20; 2,14p; Mt 19,20; etc.) devem, participar da sua sorte, abandonar tudo (10,28p), estar preparados para o sofrimento e para a cruz (Mt 10,38p; 16,24p; cf. Jo 12,24-26). Ideias paralelas serão expressas – para os discípulos que não conheceram Jesus antes da sua morte – em termos de comunhão (Fl 3,10; 1Jo 1,32; etc.), ou de imitação (2Ts 3,7)” *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

ter nada, mas, aquilo que se possui não deve impedir o comprometer-se livremente com o seguimento de Jesus. Quando Jesus chama alguém a segui-lo, tudo se relativiza e passa a segundo plano: *imediatamente deixaram as redes e começaram a segui-lo* (Mt 4,20). Tudo se reordena em função do seguimento; futuro, relações, afetos, trabalho, possibilidades, capacidades.⁷²

Para responder ao chamado e seguir, a uma pessoa deve haver novas posturas, tomar novas decisões, perder as seguranças cotidianas; sem essas atitudes, não é possível seguir a Jesus Cristo.⁷³ Trata-se de acomodar o projeto de Jesus a própria vida, e de acomodar a própria vida ao projeto de Jesus.⁷⁴

2.2.2 Chamar pelo nome

Sendo a vocação uma *experiência, historicamente situada, que certos homens e mulheres fizeram da iniciativa de Deus*,⁷⁵ não é possível afirmar que essa dinâmica de chamado e resposta possa ser algo criado ou determinado pelo ser humano. *É Deus quem chama livremente. Ele não se submete a esquemas humanos. Ele chama quem, como e quando quer.*⁷⁶

Para Deus, criar é chamar pelo nome (Gn 1,3-28). O ser humano só é plenamente ele mesmo e descobre sua verdadeira identidade, ao responder livremente a esse chamado.

Na visão de Luís R. Morán, *chamar pelo nome* aponta o ato que dá origem ao existir humano, contemplando a partir da relação com o sujeito do chamamento, o Deus que pronuncia o nome. *O chamar pelo nome* cria laços de pertença. Essa pertença mútua de quem se oferece e é aceito, de quem se entrega e é acolhido, de quem bate à porta e se lhe abre. Não aquela pertença de senhor/escravo, superior/inferior, chefe/subordinado.⁷⁷

⁷² ARROYO, Merlos Francisco. Seguimento de Jesus Cristo, p. 1020.

⁷³ “É somente a irradiação da pessoa de Jesus, sua atração e autoridade, o que justifica o seguimento, o que dá coragem aos discípulos para realizar a primeira ruptura e continuará a dá-la para enfrentar as futuras tentações de abandono em momento difíceis”. BLANCO, S. “Seguimento”, p. 1.012.

⁷⁴ “O chamado de Jesus é radical. Os que seguem devem abandonar tudo o que têm nas mãos. Jesus irá imprimir uma orientação nova à sua vida. Arranca-os da segurança e os lança numa existência imprevisível. O reino de Deus está irrompendo. Nada os deve destruir. Doravante virão a serviço do Reino de Deus, incorporados intimamente à vida e à tarefa profética do próprio Jesus. Mc 1,16-20; Mt 4,18-22”. PAGOLA, José Antônio. *Jesus, aproximação histórica*, p. 336. Cf. DAp., n. 137.

⁷⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Guia Pedagógico de Pastoral Vocacional*. São Paulo: Edições Paulinas, 1983, p. 17.

⁷⁶ CNBB. *Guia Pedagógico de Pastoral Vocacional*, p. 17.

⁷⁷ CHAMOSO, S. Román. “Chamar/Chamamento”. In: Centro Internacionale Vocacionale Rogate Roma. (org.). *Dicionário de orientação vocacional*, São Paulo: Paulinas, 2008, p. 279.

Ser chamado é um grande convite para alguém se colocar a disposição daquele que chama, ou seja, daquele que pronuncia o nome. A primeira resposta a quem pronuncia o nome é esta: *Aqui estou. Que queres de mim? Por que e para que me chamas?* Com estas interrogações, expressa-se a disposição, pelo menos inicial, de ir ao encontro de quem chama e de escutar suas preocupações, seus planos ou projetos, e de colaborar com ele. Expressa também o desejo de entrar em comunhão com a vontade de quem chama e, portanto, obedecer.⁷⁸

A expressão *chamar pelo nome* não é muito frequente na Bíblia. Apenas seis vezes no segundo e terceiro Isaías, e duas no Evangelho de João, mas é extraordinariamente rica e significativa na sua aplicação e alcance.⁷⁹ A fórmula aplica-se ao povo-servo: *E agora, assim diz o Senhor, aquele que te criou, ó Jacó; aquele que te formou, ó Israel: Não temas, pois eu te redimi, eu te chamei pelo nome, tu és meu (Is 43,1)*. Aplica-se também à Jerusalém restaurada: *Ouve-me, ó Jacó, Israel, a quem: Eu sou, eu sou o primeiro e eu sou o último (Is 48,12)*.

O sentido da vida cristã está na Revelação de Deus por meio de sua Palavra que chama/convoca; da história que é o lugar concreto onde o chamado acontece; de pessoas e acontecimentos que servem de mediação a esse chamado. Sem essa Revelação, a vida se tornaria insignificante. É a partir dessa perspectiva que Deus chama cada um pelo nome:⁸⁰ *[Que o Senhor] abra o vosso coração à sua luz, para que saibais qual é a esperança que o seu chamado vos dá, qual a riqueza da sua glória, da herança da qual ele vos faz participar com os santos (Ef 1,18)*. Após Jesus Cristo, todos os que creem são os *eleitos que Deus Pai ama e Jesus Cristo protege (Jd 1,1)*, os *chamados por Jesus Messias (Rm 1,6)*.

2.3. SEGUIMENTO COMO NOVA FORMA DE VINCULAÇÃO E PERTENÇA

O chamado de Jesus é gratuito, não custa nada. Mas, acolher o chamado exige compromisso. É o momento de fazer parte de uma nova família, a família de Jesus na comunidade (Mc 3,31-35).

⁷⁸ CHAMOSO, S. Román. "chamar/Chamamento". In: Centro Internacionale Vocacionale Rogate Roma. (org.). *Dicionário de orientação Vocacional*, p. 280.

⁷⁹ CHAMOSO, S. Román. "Chamar/Chamamento". In: Centro Internacionale Vocacionale Rogate Roma. (org.). *Dicionário de orientação Vocacional*, p. 277.

⁸⁰ HUBAUT, Michel. *Deus te Chama pelo nome*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 12.

2.3.1 Membros de uma nova família

Segundo o documento de Aparecida, Jesus faz dos discípulos seus familiares, pois *compartilha com eles a mesma vida que procede do Pai e lhes pede como discípulos, uma união íntima com ele, obediência à Palavra do Pai, para produzir frutos de amor em abundância.*⁸¹ É o amor e a proximidade entranhável que viveram seus seguidores, a quem ele mudou completamente a vida. Trata-se de uma experiência que gera fome e sede de plenitude, que convida a viver com intensidade esse magnífico projeto do Reino de Deus, projeto com o qual a pessoa se enamora e se apaixona do qual vive com entusiasmo, e a serviço do qual a gente põe à disposição todos os dons e capacidades.

Retomando algumas das ideias já apresentadas neste trabalho, podemos afirmar: ao chamar para segui-lo, Jesus não dita normas a serem observadas rigorosamente, não traça antecipadamente projetos a serem realizados.⁸² Ele só faz questão de deixar claro que o seguimento é, acima de tudo, uma relação profunda e pessoal com ele, e implica uma corajosa ruptura com o passado e o misterioso começo de uma existência radicalmente nova.⁸³

Neste sentido, compreende-se melhor a parábola do evangelista João sobre a videira e os ramos (Jo 15,1-8). Aí o Mestre revela o tipo de vínculo que se estabelece a partir deste novo senso de pertença: *Eu já não digo que vocês são servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz. Eu chamei vocês de amigos, porque fiz vocês conhecerem tudo o que ouvi do meu Pai (Jo 15,15).* Como afirma o Documento de Aparecida, Jesus deseja que seus discípulos se vinculem a ele como *amigos* e como *irmãos*. *O ‘amigo’ ingressa em sua vida, fazendo-a própria. O amigo escuta a Jesus, conhece ao Pai e faz fluir sua vida na própria existência (Jo 15,14), que fica marcada pelo relacionamento com todos (Jo 20,17).*⁸⁴ Dessa forma, seguir é participar da vida do Ressuscitado e fazer parte de uma nova família com novos vínculos de pertença: *a condição de irmãos que os membros de sua comunidade adquirem.*⁸⁵

⁸¹ DAp., n. 133.

⁸² BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 250.

⁸³ “O seguimento se refere à pessoa mesma de Jesus e somente à sua pessoa. [...] Só quando o homem se relaciona com Jesus como pessoa, pode-se dizer que está capacitado para segui-lo. Por conseguinte, quando falamos de seguimento de Jesus, não nos referimos ao seguimento de uma ideologia, de um conjunto de verdades, de algumas normas mais ou menos exigentes, nem sequer de um projeto, seja ele qual for. Tudo isso pode estar incluído no seguimento, mas nada disso constitui a essência e o centro mesmo do que é seguir Jesus”. CASTILLO, J. M. *El seguimento de Jesús*, p. 80-81.

⁸⁴ DAp., n. 132.

⁸⁵ DAp., n. 132.

2.3.2 Ouvintes da Palavra

Outro elemento fundamental nessa nova família estabelecida por Jesus é a escuta assídua da Palavra. Uma vez que o discípulo responde ao chamado de Jesus, faz-se necessário que ele se converta em ouvinte da Palavra. A eleição e chamado de Jesus Cristo pede que os chamados tenham ouvidos de discípulo (Is 50,4), ou seja, ouvidos atentos para escutar e prontos para obedecer. Em meio a uma sociedade onde as orientações mais ruidosas vão em direção oposta para escutar e para obedecer ao chamado do Mestre, é um convite ao discípulo para centrar toda sua atenção n`ele e pedir de coração ao Senhor como Samuel: *Fala, que teu servo escuta* (1Sm 3,10).

Para ouvir, é necessário que o discípulo se disponha a manter encontros a sós com Jesus.⁸⁶ A título de exemplo, tomaremos três passagens que aparecem nos evangelhos e que pertencem às instruções mais amplas dirigidas aos discípulos. Em Lc 10,38-42, Jesus vai visitar Marta e Maria. Neste trecho, é possível notar como a escuta que Jesus pede aos seus requer ‘ascese’ e certa renúncia, a fim de que todo o ser da pessoa esteja centrado em Jesus. Em Mt 7,24-27, temos a comparação de Jesus entre o ouvir que ele pede e a construção da casa sobre a rocha. A escuta que aqui pedida é aquela que leva ao compromisso, de modo que, sem ele, não é possível dizer que existe escuta verdadeira. Pois autentica escuta é “ouvir o Espírito” (Jo 14,25-26).⁸⁷

⁸⁶ “Também hoje o encontro dos discípulos com Jesus na intimidade é indispensável para alimentar a vida comunitária e a atividade missionária”. DAp., n. 154.

⁸⁷RETAMALES, S. Santiago; OPORTO, G. Santiago; AGUIRRE, Rafael. *Kerygma discipulado e missão perspectivas atuais*, São Paulo: Paulus. 2007, p. 59.

⁸⁷ LIMA, Marcos de. *Seguir Jesus*, p. 62.

CAPÍTULO III

IMPLICAÇÕES ECLESIOLÓGICAS DO SEGUIMENTO DE JESUS HOJE

3.1 VATICANO II: UM NOVO PARADIGMA ECLESIOLÓGICO E DISCIPULAR

O Concílio Ecumênico Vaticano II teve como tema central a eclesiologia, e esta teve como centro a categoria *Povo de Deus*. Centro que marcou a grande virada eclesiológica deste Concílio. Nasceu daí a postura aberta ao diálogo com o mundo.

O prólogo da constituição dogmática *Lumen Gentium*, ao falar do mistério da Igreja, tem em vista a conceituação da Igreja como ‘Sacramento Universal de Salvação’, como *sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo ser humano*,⁸⁸ e não como simples cópia visível do mistério de Deus. Conceituar a Igreja dessa forma é afirmar que na comunidade cristã está realmente presente e atuante o amor universal do Pai, sem perder a dimensão de mistério; é afirmar também que a Igreja é essencialmente discípula e missionária formada de um Povo peregrino⁸⁹. É uma Igreja que *não se dissolve na história, mas tem uma responsabilidade histórica, que não lhe é acidental, mas essencial, pois frontalmente referida às divinas missões do Filho e do Espírito em nosso mundo, em nossa carne, em nossa história: uma Igreja no itinerário dos homens*.⁹⁰

Um dos grandes méritos do Concílio foi a nova compreensão da Igreja, isto é, de uma visão *universalista*, não mais ligada à reforma gregoriana, que transformou a Igreja numa grande diocese composta por vários vigários (bispos). Agora voltamos a viver uma eclesiologia *eucarística e comunal, aquela do primeiro milênio (que) valoriza o episcopado dentro da Igreja local ou particular e dentro da comunhão das Igrejas. [...] O Concílio abriu a possibilidade de compreender a Igreja a partir da Igreja local*.⁹¹ Para expressar a unidade

⁸⁸ PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 1.

⁸⁹ PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* n. 7, 8, 48.

⁹⁰ ALMEIDA, J. A. *Lumen Gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 91.

⁹¹ CALIMAN, C. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil. In: GONÇALVES, P.S.L.; BOMBONATO, V. I. (org.) *Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 236.

entre a Igreja universal e a Igreja particular, a Tradição encontrou uma categoria que foi oficializada pelo Vaticano II: sacramento universal de unidade e salvação⁹².

Na *Lumen Gentium*, a imagem da Igreja é trabalhada a partir da categoria Povo de Deus. Esta categoria foi inserida entre os capítulos que tratam do Mistério da Igreja e da Hierarquia, demonstrando que, numa Igreja com o rosto Trinitário, a graça batismal, ou seja, a condição de discípulo é o que há de comum a todo este Povo, independente das diferenças ministeriais, condição que a Igreja constrói na história e se estende a toda a humanidade.⁹³ Dessa forma, a categoria Povo de Deus engloba todos os fiéis, independente de qualquer distinção interna. A Igreja se torna o lugar da igualdade e participação, e seu paradigma eclesiológico é *comunial*⁹⁴. Como pressuposto da categoria-conceito comunhão, está aquela do Povo de Deus, pois a *eclesiologia do Novo Povo de Deus traz em si mesmo a eclesiologia de comunhão [...] A comunhão do Povo obtém seu sentido último e alcance na comunhão teológica, que faz passar de simples Povo a Povo de Deus.*⁹⁵ É a categoria de comunhão que fundamenta o ser deste novo Povo a partir do conceito da Aliança.

A forma como a categoria Povo de Deus é apresentada pela *Lumen Gentium* traz consigo a prerrogativa da participação consciente de todos e de uma organização comunitária em torno de um projeto comum de *unidade nas diferenças e de comunhão de todos com todos e com Deus [...] Os órgãos de direção e animação [...] (que) surgem de dentro do Povo de Deus não estão acima e fora, mas dentro e a serviço do Povo de Deus.*⁹⁶

⁹² “Quando o Concílio fala de Igreja como sacramento universal de salvação, pensa em termos histórico-salvíficos [...]. Conservando sua unidade (presença de salvação) os elementos visíveis podem variar, sem com isso se destruir a comunhão”. BOFF, L. *Eclesiogênese*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 35-36.

⁹³ Cf. ALMEIDA, A. J. *Teologia dos ministérios não ordenados na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 166-167; 176-177.

⁹⁴ “A renovação comunitária trouxe consigo nova inteligência da comunhão eclesial. A coerência entre Igreja e comunidade é afirmada por todos os eclesiólogos atuais. Os discursos teológicos recentes ultrapassam o estado pré-conciliar, no qual a Igreja se definia por categorias jurídicas. Em nível de eclesiologia ‘formal’ se acentua o ‘comunional’, ou seja, a filiação/fraternidade: a Igreja é *koinonia*, comunhão ou comunidade”. FLORISTÁN, Cassiano. Comunhão. In: FLORISTÁN, Cassiano.; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 101.

⁹⁵ CALVA, F.O. *Eclesiologia de comunión, comunión presbiteral y estructuras de comunión*. In: *Medellín*, Bogotá: Colombia, fasc. 115, [septiembre], 2003, p. 508, (tradução minha).

⁹⁶ BOFF, L. A visão inacabada do Vaticano II: Ekklesia – hierarquia ou povo de Deus? In: *Concilium*, Petrópolis: Vozes, fasc. 281/3, 1999, p. 43.

3.2 IMPLICAÇÕES DA NOVA ECLESIOLOGIA

3.2.1 A missão em perspectiva eclesial

A partir da virada eclesiológica do Vaticano II, houve também o resgate da palavra *Ekklesia* para definir a Igreja como assembleia convocada e enviada. É missão e tarefa essencial da Igreja a evangelização de toda a humanidade.⁹⁷ Segundo Paulo VI, esta tarefa e missão tornam-se, a partir das *amplas e profundas mudanças da sociedade atual, [...] ainda mais urgentes. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade.*⁹⁸

A Igreja é essencialmente missionária; ela é uma fraternidade apostólica que não existe para si mesma, mas para o Evangelho de Jesus Cristo. Sua missão é evangelizar, ou seja, ensinar e anunciar, sem cessar, que Jesus é o Messias, e continuar a obra iniciada por ele.⁹⁹ Para tanto, ela conta com a assistência do Senhor (Mt 28,20). e com o *batismo do Espírito* (At 1,5.8.22; 2,32; 15; Jo 1,33; 3,5-6).

A Igreja é enviada em missão por Jesus, para ser, no mundo, sinal-sacramento de sua nova presença. *Este envio missionário é de toda a Igreja, todos recebem a missão de evangelizar.*¹⁰⁰ O Documento de Aparecida afirma que *nós, como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo.*¹⁰¹ Nessa perspectiva, o motivo primordial da missão é, e sempre será, o mandato missionário que Jesus Cristo, no termo de sua existência terrena deu aos apóstolos e aos discípulos, Evangelizar é um ato de obediência fundamental que a Igreja deve prestar, até o fim da história, à vontade de seu autor.

A grande provocação de Aparecida a todos os cristãos é a de serem discípulos missionários em uma *Igreja samaritana*,¹⁰² *profética*¹⁰³ e *casa dos pobres*.¹⁰⁴ Somente quando segue os passos de Jesus e adota suas atitudes, a Igreja é capaz de cumprir sua missão (Mt 9,35-36; Fl 2,8; 2Cor 8,9). Ela ensina os seus como viver a vocação de discípulos e missionários. Para tanto, é necessário que ela conheça, viva e anuncie o Evangelho. É no

⁹⁷ PAULUS VI, S.S. *Evangelii Nuntiandi*. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 1999, n. 14.

⁹⁸ PAULUS VI, S.S. *Evangelii Nuntiandi*, n. 14.

⁹⁹ MARÁN, R. Luis. "Missão e Vocação". In: Centro Internacionale Vocacionale Rogate Roma. (org.). *Dicionário de orientação Vocacional*, p. 906.

¹⁰⁰ PAULUS VI, S.S. *Evangelii Nutiandi*, n. 59.

¹⁰¹ DAp., n.30.

¹⁰² DAp., n. 26, 176, 419.

¹⁰³ DAp., n. 480, 337, 518i.

¹⁰⁴ DAp., n. 8, 524.

evangelho que se aprende a lição de ser pobre seguindo a Jesus pobre, e a lição de anunciar o Evangelho da paz, *sem colocar nossa confiança no dinheiro ou no poder deste mundo (Lc 10,4ss)*. Na generosidade dos missionários se manifesta a generosidade de Deus, na gratuidade dos apóstolos aparece a gratuidade do Evangelho.

Esta afirmação do documento de Aparecida leva a uma compreensão maior do discipulado como seguimento, pois o discípulo deve ser tal e qual o Mestre, no exercício da missão, como afirmou Paulo: *Tenham em vocês os mesmos sentimentos que há em Jesus Cristo (Fl 2,5)*. É primordial lembrar que Jesus de Nazaré assumiu plenamente a condição humana: *Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado.*¹⁰⁵

Barausse afirma que tornar-se discípulo é colocar-se a caminho, como fizeram os apóstolos, tornando presente hoje o Deus da vida e do Reino. Desta forma, o testemunho será o fruto maduro do discipulado. Portanto, o discípulo vive sua missionariedade na encarnação concreta com a própria realidade humana e histórica, na contínua tensão rumo à santidade.

3.2.2 Os discípulos ouvintes da Palavra

Como exposto no ponto anterior, a comunidade dos discípulos recebe a responsabilidade de proclamar e transmitir a Palavra do Pai. É sua missão anunciar o que essa Palavra (Jo 1,1-18) *fez e ensinou (At 1,1)*, enquanto *esteve conosco (At 1,21)*. A Boa Notícia de salvação, anunciada pelos ministros e testemunhas da Palavra, é a própria pessoa de Jesus e sua obra.¹⁰⁶

A fonte primária do discipulado e do ardor missionário é a escuta da Palavra, e a realização da missão depende da capacidade que os membros da Igreja têm para ler, meditar e celebrar a Palavra, fazendo dela um acontecimento alegre de vida e libertação.¹⁰⁷ Neste sentido, se a Igreja não escutasse a Palavra, não poderia fazer da Palavra um acontecimento de salvação, pois, para ser mestra autorizada que interpreta e guarda com fidelidade o depósito da verdade salvífica, não há outro caminho a não ser a partir da escuta atenta dessa Palavra. A

¹⁰⁵ PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, n. 22.

¹⁰⁶ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 64. (Documento de Participação).

¹⁰⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe*, p. 64.

Igreja, por primeiro, deve tornar-se discípula da Palavra, deixando-se interpelar e evangelizar, e assim, a partir daí, tornar-se servidora da mesma palavra, em seu compromisso evangelizador para com o Povo de Deus.¹⁰⁸

Com a ajuda dos quatro Evangelhos, é possível descobrir as diversas conotações que a escuta possui: requer uma ascese (Lc 10,38-42) que liberte o discípulo de suas ocupações e preocupações, para que possa sentar-se aos pés de Jesus; deve levar sempre ao compromisso (Mt 7,24-27); é um convite constante à conversão (Mc 9,30-37); é sempre um ato de discernimento espiritual, ou seja, uma escuta acompanhada pelo Espírito Santo, o Mestre interior que recorda e explica as palavras de Jesus (Jo 14,25-26). A escuta comporta todas essas conotações, e é imprescindível que o discípulo permaneça unido a Jesus, compartilhando seu estilo de vida, sua missão e seu destino.¹⁰⁹

3.2.3 A Pedagogia do Encontro

A novidade eclesiológica do Documento de Aparecida consiste na riqueza do encontro pessoal com Jesus Cristo, novidade que passou a se chamar *pedagogia do encontro*. Esta pedagogia é a raiz, a fonte e o ápice da vida da Igreja e o fundamento do discipulado e da missão. A Igreja vive desse encontro com Jesus. É a partir daí que nasce a razão mais profunda da fé, da esperança e da caridade.¹¹⁰ Com razão diz São Paulo: *Tudo eu considero perda, diante da excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor (Fl 3,8)*.

O que provoca no discípulo uma resposta livre consciente, e uma verdadeira adesão a quem chama, deriva da admiração que nasce do encontro com a pessoa de Jesus, e com o seu chamado (Jo 10,3). Esse encontro faz com que a pessoa amadureça e cresça neste amor até as últimas consequências,¹¹¹ assim como aconteceu com tantos mártires de ontem e de hoje em nosso Continente.¹¹²

Quando o discípulo consegue, de fato, realizar profundo encontro com Jesus, consegue encontrar as respostas para suas inquietações existenciais mais profundas. Quem sou? De onde vim? Para onde vou?. Por isso, é possível afirmar que o melhor serviço que os cristãos

¹⁰⁸CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe*, p. 65.

¹⁰⁹IRRE RETAMALES, S. Santiago; OPORTO G. Santiago, AGUIRRE Rafael. *Kerygma discipulado e missão perspectivas atuais*, p. 70.

¹¹⁰CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Santuário de Aparecida – Brasil 13-31 de maio de 2007*. São Paulo. Paulinas, 2007, p. 35. (Síntese das Contribuições Recebidas)

¹¹¹DAp., n. 136.

¹¹²DAp., n. 140.

prestam ao mundo contemporâneo é dar testemunho de Jesus Cristo e anunciá-lo vivo, ressuscitado e presente, ele que com seu Espírito dirige a história para o cumprimento de suas promessas.¹¹³

Esta será a questão que nasce espontânea diante dessas realidades: Todas as ações evangelizadoras realmente *levam ao encontro vivo com Jesus, se o celebram, se o prolongam e se o anunciam aos que estão longe dele ou não o conhecem.*¹¹⁴ É a partir desse encontro que advém a coerência da identidade, a autenticidade da vida cristã e a intensidade do ardor missionário.

Implicitamente se encontra no Documento de Aparecida uma verdadeira teologia do encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo. Esse encontro tem nome: o Pobre, a Palavra de Deus e a Santíssima Trindade. Segundo Paulo Suess, Jesus *anuncia a Boa-nova do Reino aos pobres e pecadores. [...] Tudo o que tem relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo.*¹¹⁵

3.2.4 Vida em comunidade e opção pelos pobres

O Documento de Aparecida afirma que uma dimensão constitutiva da fé é o encontro com Jesus Cristo através dos pobres. Essa fé chegou a nós através da comunidade eclesial. A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão, ou seja, desvinculado da comunidade eclesial. A fé liberta do isolamento do eu, porque conduz à comunhão. Isso significa que uma dimensão constitutiva do acontecimento cristão é o fato de pertencer a uma comunidade concreta, na qual é possível viver uma experiência permanente de discipulado e de comunhão.¹¹⁶

O chamado e o amor predileto de Jesus por seus discípulos cria entre eles a comunhão fraterna, uma comunidade unida em Cristo. Na oração com o Pai, Jesus compartilha e expressa esse desejo íntimo: *Eu te peço que todos sejam um. Como tu, Pai estás em mim e eu ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste* (Jo 17,21).

Para a formação do discípulo a condição necessária é uma comunidade unida, sacramento de comunhão com Deus e entre os irmãos. A maturação no seguimento de Jesus

¹¹³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Santuário de Aparecida – Brasil 13-31 de maio de 2007*, p. 35.

¹¹⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Santuário de Aparecida – Brasil 13-31 de maio de 2007*, p. 35.

¹¹⁵ SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida*, São Paulo: Paulus, 2007, p. 86.

¹¹⁶ DAp., n. 156.

requer das comunidades eclesiais que se esforcem diariamente, a partir da renovação da Nova Aliança em cada Eucaristia, para ser casa e escola de comunhão e solidariedade com todos, em especial com os mais pobres. Esta realidade exige do discípulo missionário *espírito comunitário: que abramos os olhos para reconhecê-lo e servi-lo nos mais pobres: 'no mais humilde encontramos o próprio Jesus'*.¹¹⁷

Jesus não ficou parado diante da exclusão, mas defendeu os direitos dos fracos e a vida digna de todo ser humano. Diante das estruturas de morte, Jesus faz presente a vida plena. Ele compromete os discípulos de todos os tempos com a promoção da dignidade humana e de relacionamentos sociais fundados na prática justiça, pois ele está presente *naqueles que dão testemunho de luta pela justiça, pela paz e pelo bem comum*.¹¹⁸ A partir desse contexto, o discípulo-missionário amadurece em sua vida e identidade cristã e descobre a riqueza e a graça que se encerra no seu ser membro da Igreja.¹¹⁹

3.3 CAMINHO E SEGUIMENTO: CONFRONTOS, ENFRENTAMENTOS E RUPTURAS

3.3.1 Seguindo Jesus Caminho

Segundo Bombonato, Jesus nos ensina que é ele o Caminho para o Pai: Caminho e ao mesmo tempo meta, na qual o ser humano encontra sua morada definitiva. É por este motivo que ele convida a segui-lo. O dinamismo do caminho é fundamental, porque a existência humana é um caminhar: sair, atravessar, entrar.¹²⁰

O modelo perfeito do Caminho encontra-se em Jesus. Ele vive a dinâmica própria do Caminho em sua pessoa e em sua história. O Caminho de Jesus é a sua vida vivida na verdade. Ele vive em constante atitude de êxodo, de saída do silêncio eterno do Pai para vir ao encontro de cada pessoa, assumindo a vida e a história humana. Toda a vida de Jesus foi um sair de si para ir ao encontro do Pai na oração, ir ao encontro das crianças, dos doentes, dos necessitados, dos pobres, da ovelha perdida.¹²¹

¹¹⁷ DAp., n. 354.

¹¹⁸ SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 86.

¹¹⁹ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Santuário de Aparecida – Brasil 13-31 de maio de 2007*, p. 45.

¹²⁰ AUTH, Romi; BOMBONATTO, Vera Ivanise. *A minha alma tem sede de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 241.

¹²¹ AUTH, Romi; BOMBONATTO, Vera Ivanise. *A minha alma tem sede de Deus*, p. 241-242.

O caminho percorrido pelas Igrejas da América-Latina e do Caribe acontece em meio às luzes e sombras de nosso tempo. Mas, como discípulos missionários, cada um é chamado a olhar para essa realidade com os mesmos olhos do Mestre. A presença cheia de esperança de incontáveis peregrinos que nos recordam os primeiros seguidores de Jesus Cristo que foram ao Jordão, onde João batizava, temos também nós a esperança de encontrar o Messias (Mc 1,5) e, a partir deste encontro, reordenar a nossa sua vida e enfrentar as dificuldades do nosso tempo.¹²²

3.3.2 A Cruz como seguimento de Cristo

Tomando como pressuposto tudo o que foi exposto neste capítulo, é possível afirmar que o verdadeiro conteúdo da cruz cristã só se entende a partir do seguimento de Jesus Cristo e do serviço à causa do Reino de Deus.

Jesus chama seus discípulos para o seguirem, colocando-os incondicionalmente a serviço do Reinado de Deus. Como *consequência* desse seguimento, se o discípulo deseja realmente seguir os passos daquele que o chamou, irá experimentar, na vivência de sua missão, o sofrimento e compartilhar do mesmo destino doloroso Cristo Jesus: *Se alguém quer vir em meu seguimento, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me (Mc 8,34)*.

A Cruz do discípulo é a cruz do testemunho verdadeiro de sua fé que, ao defrontar-se com a iniquidade, provoca reações de hostilidade, cujo ápice é a morte cruel e violenta. Somente dessa forma o discípulo estará em condições de aceitar o convite feito por ele (*siga-me*), e fazer, do Caminho de Jesus, seu próprio caminho, e do projeto dele, seu próprio projeto.¹²³

Quando o cristianismo se transforma em *certeza religiosa* diante de Deus e os cristãos esquecem o seguimento de Jesus e o serviço à causa do Reino de Deus, a *Cruz* se desvincula e é confundida com o mal de todo dia, com as contrariedades e com os sofrimentos normais da vida. Só por meio de uma espiritualidade de seguimento do Crucificado é possível uma recuperação autêntica do significado da Cruz cristã.¹²⁴

Levar a Cruz de Cristo, para Pagola, é sofrer em comunhão com ele, assumindo os sofrimentos próprios de uma adesão concreta e responsável à sua pessoa e à sua causa. É este seguimento fiel que leva o discípulo a entender o que significa assumir a Cruz de Cristo, e a

¹²² DAp., n. 21.

¹²³ PAGOLA, José Antônio. *É Bom Ter Fé*, São Paulo: Loyola, 1998, p. 52.

¹²⁴ PAGOLA, José Antônio. *É Bom Ter Fé*, p. 53.

compreender o verdadeiro significado da renúncia que Jesus pede.¹²⁵ *Renunciar a si mesmo* não significa *mortificar-se* sem motivos, castigar-se a si próprio e, menos ainda, anular-se ou autodestruir-se. Não é possível confundir a Cruz cristã com modos de agir masoquistas que Jesus nunca incentivou.¹²⁶ *Desapegar-se da própria vida* não significa negar o que a pessoa é, mas o que julga ser, mas não é. Seguir Jesus é deixar de viver para o *eu*, é descentrar-se, não ser mais o centro de seu próprio projeto. O seguimento brota, pois, de uma *sintonia profunda* com Jesus, esvaziando o *eu orgulhoso* para entrar em comunhão com o modo de viver e dele com o seu Projeto.

Muitas vezes, os cristãos podem pensar que seguir o Crucificado é buscar pequenas mortificações, privando-se de satisfações e renunciando a prazeres legítimos, para chegar através do sofrimento a uma comunhão mais profunda com Jesus. Pagola acrescenta que é grande o valor de uma ascese cristã, sobretudo numa sociedade como a que temos hoje. Entretanto, Jesus não é um asceta que vive buscando mortificações, pois quando fala da Cruz, ele não está convidando a uma *vida mortificada*.¹²⁷

Como discípulo-missionário, é necessário ter muito claro o que de fato seja *carregar a Cruz* com Cristo. Muitos acreditam que *carregar a cruz* seja aceitar as contrariedades da vida, as desgraças ou adversidades. Mas, se analisarmos os Evangelhos, eles nunca falam desses sofrimentos *naturais*. Não se pode esquecer que a crucificação de Jesus foi consequência de sua atuação de obediência absoluta ao Pai e de amor aos últimos.¹²⁸

O relato da crucificação de Jesus lembra aos seguidores que o Reino dele não é de glória e poder, mas de serviço, amor e entrega total para resgatar o ser humano do mal, do pecado e da morte. É necessário cada um estar atento também a essa proclamação da *vitória da cruz*. Caso contrário, corre-se o risco de esquecer que o Crucificado nada tem a ver com o triunfalismo que esvazia de conteúdo o gesto mais sublime de serviço humilde de Deus as suas criaturas. A Cruz não é uma espécie de troféu que se mostra aos outros com orgulho, mas o símbolo do Amor crucificado, que convida a seguir o exemplo de Jesus.¹²⁹

Para os seguidores de Jesus, o sentido profundo para reivindicar a Cruz é aproximar-se prestativamente dos crucificados; introduzir a justiça onde se abusa dos indefesos; reclamar compaixão onde só existe indiferença diante dos que sofrem. Tudo isso trará conflitos,

¹²⁵ PAGOLA, José Antônio. *É Bom Ter Fé*, p. 53.

¹²⁶ PAGOLA, José Antônio. *É Bom Ter Fé*, p. 53.

¹²⁷ PAGOLA, José Antônio. *O caminho aberto por Jesus*, p. 251.

¹²⁸ PAGOLA, José Antônio. *O caminho aberto por Jesus*, p. 251.

¹²⁹ PAGOLA, José Antônio. *O caminho aberto por Jesus*, p. 352.

rejeição e sofrimento, mas esta será a maneira humilde com que o discípulo carrega a Cruz de Cristo.¹³⁰

O seguimento só é possível quando a pessoa se liberta do seu próprio interesse, do seu próprio egoísmo, da sua própria comodidade, ou seja, de tudo aquilo que pode atar sua própria pessoa.¹³¹ Sem dúvida, a mortificação deve ter lugar importante na vida daquele que segue Jesus. Na visão de Pagola, não é qualquer mortificação, mas aquela que liberta a pessoa de seu egocentrismo, de seu comodismo ou de sua covardia, para seguir mais fielmente a Cristo.¹³²

Seguir Jesus implica ainda andar na contramão da história,¹³³ remar contra a correnteza de tantos fundamentalismos e da idolatria do consumismo, que não concordam com o espírito do Evangelho. Isso exige não deixar-se domesticar por uma sociedade superficial e consumista, mas contradizer inclusive os próprios amigos e familiares, quando convidam a seguir caminhos contrários ao Evangelho. Pois, seguir Jesus exige a disposição para enfrentar os conflitos e a Cruz, ou seja, o discípulo deve estar disposto a compartilhar da mesma sorte de seu Mestre. Aceitar o risco de uma vida crucificada como a dele, sabendo que tal vida espera pela ressurreição.¹³⁴

¹³⁰ PAGOLA, José Antônio. *O caminho aberto por Jesus*, p. 352.

¹³¹ CASTILLO, J. Maria, *El seguimento de Jesús*, p. 60.

¹³² PAGOLA, José Antônio. *É Bom Ter Fé*, p. 54.

¹³³ DAp., n.11

¹³⁴ PAGOLA, José Antônio. *O caminho aberto por Jesus*, p. 166.

CONCLUSÃO

O tema sobre o seguimento de Jesus surgiu de uma inquietação. Contudo, mesmo sendo tal tema bastante provocador, a nossa pesquisa não tinha somente por objetivo principal provocar, ou encontrar alguma solução, nem mesmo resposta definitiva para os questionamentos. O que é o Seguimento de Jesus? E quais são suas implicações? O objetivo central desta reflexão é compreender o Seguimento, sobretudo a partir das experiências de tantos que nos precederam neste caminho e que na verdade fizeram a experiência de seguir o Mestre Jesus. É o que podemos constatar ao rever a história e olhar à nossa volta. É fácil dizer: *“Mestre, eu te seguirei para onde quer que vás”* (Mt 8,19). Mas, desde que não seja morrer em Jerusalém.

O seguimento, é sinônimo de cruz. Sim, a cruz supõe entrega da vida, sofrimento, dor, morte. Mas, cruz é também sinônimo de compromisso e fidelidade. E sem hesitar, é esta a mensagem interiorizada e a primeira interpretação que se faz. E tem razão de ser, enquanto coerência com o texto bíblico: *“Aquele que não toma a sua cruz, e não me segue, não é digno de mim”* (Mt 10,38). Contudo, a cruz na vida de Jesus foi uma consequência de suas palavras e ações, fruto de sua plena liberdade. A cruz foi essencialmente o resultado de sua vida, do quanto ele amou. Daí a necessidade de melhor compreendermos o Seguimento. Para sairmos de um amor teórico para um amor prático.

Ao aprofundar o seguimento no Antigo e no Novo Testamento, foi possível perceber a pertença como categoria da imitação, aliás, característica das epístolas paulinas. À medida que fomos nos detendo neste estudo, nos foi permitido chegar a algumas conclusões.

Afinal de contas, seguir é viver em comunhão com Jesus Cristo, como ele vive na comunidade dos cristãos. Por esta razão, é possível concluir que o seguimento é dinâmico, criativo, responsável, é movimentação, é sempre fiel à pessoa e à missão de Jesus. Não é seguimento repetitivo, fixo, imóvel, invariável. Quem de fato segue a Jesus, deve acompanhá-lo permanentemente, aderindo à sua causa e participando do seu destino.

A expressão que aparece nos evangelhos não é só o aspecto físico de ir atrás de Jesus. É, sobretudo a vinculação pessoal com ele e o compromisso com o seu projeto. Podemos copiar um modelo ao imitá-lo, mas não assumir o seu destino. O destino de amar até o fim. É com esses olhos que devemos enxergar o seguimento.

O fato histórico, testemunhado pelos apóstolos, de que Jesus chamou-os para segui-lo, permanece como fonte inspiradora e normativa de todos os chamados e de todos os esforços de vivência do seguimento, ao longo da história.

E tendo percorrido uma boa parte do caminho, deparamo-nos com um elemento novo do seguimento. Novo no sentido de algo que renova os nossos conceitos. Assim, quando parece termos saciado as nossas inquietações e encontrado resposta aos tantos questionamentos, surge, a novidade: o hoje do seguimento na dimensão eclesiológica. Somos uma assembleia convocada e enviada a sermos discípulos, e como discípulos, a seguirmos Jesus. Mas, não basta o chamado, eis o novo: é necessário comprometer-se, conscientemente responder, cada um se colocando disponível. Não é suficiente sermos povo eleito, se não formos conscientemente comprometidos com Aquele que nos chamou para nos enviar ao encontro do outro.

À consciência torna-nos responsáveis, participantes e não meros ouvintes, na Igreja e no mundo. Por isso, ninguém segue Jesus só porque está escrito nos livros da história, mas em razão de um encontro em que a pessoa fez verdadeiramente a experiência de ser chamada pelo Mestre. Daí o novo tem também o sentido de urgência: Como formar nossa consciência? *“Mas como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir, sem pregador? E como podem pregar, se não forem enviados?”* (Rm 10,14-15). Compreendemos que no seguimento a Jesus, em qualquer tempo ou lugar, é urgente ser tudo para todos: promotores do encontro com ele, participantes do conhecimento dele que chama, e responsáveis pelos outros discípulos missionários conscientes de sua missão de anunciar o Reino.

Todo caminho percorrido através do presente trabalho só tem sentido e valor a partir do momento que amamos Jesus como ele nos amou, com plena liberdade e gratuidade. Quando isso acontecer, então sim, já estamos no Seguimento de Jesus.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, J. A. *Lumen Gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.
- ALMEIDA, J. C; MANZINI, R; MAÇANEIRO, M. (orgs.). *As Janelas do Vaticano II. A Igreja em Diálogo com o Mundo*. Aparecida: Editora Santuário, 2013.
- ALTANA, A. *Vocazione cristiana e ministeri ecclesiali*. 3. ristampa. Roma: Libreria Editrice Rogate, 1976.
- ARROYO, Merlos Francisco. Seguimento de Jesus Cristo. In: PERDOSA, V. M; NAVARRO, M; LÁZARO, R; SASTRE, J. *Dicionário de Catequética*, São Paulo: Paulus, 2004.
- AUTH, Romi; BOMBONATTO, Vera Ivanise. *A minha alma tem sede de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- AZEVEDO, Clotilde, Prates. *O ministério da Palavra a partir do Vaticano II no Brasil - 1983-2003 - e a exigência de um processo de discernimento vocacional*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Centro Universitário Assunção, 2005.
- BARAUSSE, Paulo Tadeu. *O Discipulado e o Seguimento de Cristo Ressuscitado*, São Paulo: Loyola, 2013.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM, Nova edição revista e ampliada. 8. impressão. São Paulo: Paulus, 2012.
- BLANCO, S. Seguimento. In: RODRIGUEZ, A. A. & Canals casas, J (orgs.). *Dicionário da teológico da Vida Consagrada*, São Paulo: Paulus, 1994.
- BLANK, J. “Seguimento” In: PETER, E. C. *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, São Paulo: Paulus, 1993.
- BOFF, L. A visão inacabada do Vaticano II: Ekklesia – hierarquia ou povo de Deus? In: *Concilium*, Petrópolis: Vozes, fasc. 281/3, 1999.
- BOFF, L. *Eclesiogênese*. Petrópolis: Vozes, 1977. ALMEIDA, A. J. *Teologia dos ministérios não ordenados na América latina*. São Paulo: Loyola, 1989.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- CALIMAN, C. A eclesiologia do Concílio Vaticano II e a Igreja no Brasil. In: GONÇALVES, P.S.L.; BOMBONATO, V. I. (org.) *Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- CALVA, F. O. Eclesiologia de comunión, comunión presbiteral y estructuras de comunión. In: *Medellín*, Bogotá: Colombia, fasc. 115, [septiembre], 2003, p. 508.
- CASTILLO, M. José. *EL Seguimento de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 2005.
- CHAMOSO, S. Román. “Chamar/Chamamento”. In: Centro Internacionale Vocacionale Rogate Roma. (org.). *Dicionário de orientação Vocacional*, São Paulo: Paulinas, 2008.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Guia Pedagógico de Pastoral Vocacional. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documento de Participação)

- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. Santuário de Aparecida – Brasil 13-31 de maio de 2007*. São Paulo: Paulinas, 2007. (Síntese das Contribuições Recebidas)
- DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- FERREIRA, A. B. H. Aurélio século XXI: Novo dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. revisada e ampliada. Curitiba: Positivo, 2004.
- FLORISTÁN, Cassiano. Comunhão. In: FLORISTÁN, Cassiano; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José. *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999.
- HEUSCHEN, J. Imitar. In: Born, A. Van den. *Dicionário Enciclopédico* (Red.). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977, col. 719.
- HUBAUT, Michel. *Deus te Chama pelo nome*, São Paulo: Loyola, 2005.
- LIBÂNIO, João Batista. In: <http://www.cnbb.org.br/imprensa-1/arquivo/pastoral-vocacional-1/4597-padre-libanio-fala-sobre-a-teologia-do-discipulado-e-da-missao-no-congresso-vocacional>. Acessado em 09/04/14 às 16:47.
- LIMA, Marcos de. *Seguir Jesus*. São Paulo: Loyola, 2001.
- METZGER, Martin. *História de Israel*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1989.
- MORÁN, R. Luis. Chamar/chamamento. Centro Internacionale Vocacionale Rogate Roma (orgs). *Dicionário de orientação Vocacional*, São Paulo: Paulinas, 2008.
- PAGOLA, José Antônio, *O caminho aberto por Jesus*, Petrópolis: Vozes, 2012.
- PAGOLA, José Antônio. *É Bom Ter Fé*, São Paulo: Loyola, 1998.
- PAGOLA, José Antônio. *Jesus, aproximação histórica*, Petrópolis: Vozes, 2010.
- PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- PAULO VI, Papa. Constituição Dogmática *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PAULUS VI, S.S. *Evangelii Nuntiandi*. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 1999.
- RETAMALES, S. Santiago; OPORTO G. Santiago, AGUIRRE Rafael. *Kerygma discipulado e missão perspectivas atuais*, São Paulo: Paulus, 2007
- SOBRINO, J. Seguimento de Jesus. In: FLORISTÁN S. C; TAMAYO-ACOSTA, J. J. (orgs.). *Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo* São Paulo: Paulus, 1999.
- SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida*, São Paulo: Paulus, 2007.
- TEIXEIRA, César. A Revelação de Deus na História e nas Escrituras. *Dei Verbum 1-13*. In: ALMEIDA, J. C; MANZINI, R; MAÇANEIRO, M. (orgs.). *As Janelas do Vaticano II. A Igreja em Diálogo com o Mundo*. Aparecida: Editora Santuário, 2013.
- VELASCO, R. *A Igreja de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1996.